

Ivo Dickmann (org.)

ECOPEDAGOGIA

Origens,
Fundamentos,
Perspectivas



Prefácio de
José Eustáquio Romão

Ivo Dickmann
(Organizador)

ECOPEDAGOGIA
Origens, Fundamentos, Perspectivas

Editora Livrologia
2023

CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL E NACIONAL

Jorge Alejandro Santos - Argentina
Francisco Javier de León Ramírez – México
Carelia Hidalgo López – Venezuela
Marta Teixeira – Canadá
Maria de Nazare Moura Björk – Suécia
Macarena Esteban Ibáñez – Espanha
Quecoi Sani – Guiné-Bissau

Ivo Dickmann - Unochapecó
Ivanio Dickmann - UCS
Viviane Bagiotto Botton – UERJ
Fernanda dos Santos Paulo – IFRS
Cesar Ferreira da Silva – Unicamp
Tiago Ingrassia Pereira – UFFS
Carmem Regina Giongo – Feevale
Carina Tonieto - IFRS
Sebastião Monteiro Oliveira – UFRR
Adan Renê Pereira da Silva – UFAM
Altair Alberto Fávero - UPF
Inara Cavalcanti – UNIFAP
Ionara Cristina Albani - IFRS

E198 Ecopedagogia: origens, fundamentos, perspectiva / Ivo Dickmann
(Organizador); Prefácio de José Eustáquio Romão. – Porto Alegre:
Livrologia, 2023. (Coleção Ecopedagogia; 01).

Disponível em: <https://livrologia.com.br/loja/ecopedagogia-origens-fundamentos-perspectivas>
ISBN: 9786580329410
DOI: 10.52139/livrologia9786580329410

1. Ecopedagogia. 2. Educação ambiental. I. Dickmann, Ivo. II. Romão, José Eustáquio.

2023_0276

CDD 363.7– (Edição 22)

Ficha catalográfica elaborada por Karina Ramos – CRB 14/1056

© 2023

Permitida a reprodução deste livro, sem fins comerciais,
desde que citada a fonte.
Impresso no Brasil.

Para Vanessa, a borboleta azul da minha vida.

SUMÁRIO

Ecopedagogia: desafio da reinvenção.....	9
---	----------

Ivo Dickmann

Prefácio

Ecopedagogia: política e educação latino-americana.....	13
--	-----------

José Eustáquio Romão

Ecopedagogia: origens e fundamentos.....	23
---	-----------

Ivo Dickmann

Cruz Prado

Ecopedagogia: política e interdisciplinaridade.....	55
--	-----------

Ivo Dickmann

Aloísio Ruscheinsky

Ecopedagogia: dimensões e contribuições	89
--	-----------

Ivo Dickmann

Jason Ferreira Mafra

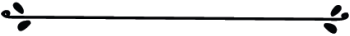
Ecopedagogia: desafios e perspectivas.....	127
---	------------

Ivo Dickmann

Ana Maria de Oliveira Pereira

Carta da Ecopedagogia.....	151
-----------------------------------	------------

Sobre as autoras e autores.....	159
--	------------



UM, TODOS, UMA, TODAS

(poema-salmo para o dia 7 de setembro de 2021)

Carlos Rodrigues Brandão

Morreu um homem em algum lugar em Cabul?
Em toda a Terra morreu toda a Humanidade.
Dormiu na rua um sem-teto aqui na esquina?
Foi ao relento que dormiu toda a cidade.
Em Nairóbi uma mulher negra passa fome?
A Dinamarca inteira amanhece esfomeada.
Em algum lugar nos Andes uma criança sente frio?
No meio do verão Paris inteira adormece enregelada.
Bêbado, um marido espanca uma mulher?
Somos todos e todas nós as pessoas espancadas.
Numa esquina em Roma um homem chuta um cão?
É toda a Vida na Terra quem sofre essa pancada.
Uma Sumaúma da Amazônia é derrubada
para que um rico estenda ali o “agronegócio?”
É todo o verde do Planeta que um trator devasta
e é toda a natureza que em toda Terra se degrada.
Há um incêndio no Pantanal, agora, incontrolável?
Todo um Brasil inteiro pega fogo. E quem apaga?

Mas se um só alguém abre as mãos e ergue o punho
e em nome do homem, do velho, da mulher, da criança,
de um cão, de uma árvore e de uma floresta, grita: “basta!”
E convida você pra ir para rua e a luta... Vá!

E vá sabendo que quem luta por um velho, uma mulher
uma criança ou um cão, uma árvore, uma floresta
Na verdade, no seu gesto salva toda a Vida.
E no que faz... “salva toda a Humanidade”*

* O que está entre aspas não é meu.
É uma passagem do Talmude.
Livro sagrado entre os judeus:
“Quem salva um homem salva toda
a humanidade”.

Ecopedagogia: desafio da reinvenção

Ivo Dickmann

Falar sobre Ecopedagogia é um desafio para nós que estamos retomando esse tema tão importante na produção sobre educação na América Latina, pois implica em produzir sobre algo que estava quase caindo no esquecimento. Falo isso, porque nos últimos vinte anos, pouco se produziu sobre Ecopedagogia, nossas pesquisas demonstram que foram um pouco mais de vinte artigos e capítulos de livro e menos de cem teses e dissertações. Comparado a outros temas correlatos como a Educação Ambiental, é muito pouco.

Além do mais, o objetivo desse livro é ser uma contribuição para quem está começando, pois, as entrevistas têm caráter introdutório, é para os neófitos e neófitas, quem quer começar estudar a Ecopedagogia. Ao mesmo tempo, foi um privilégio poder entrevistar essas quatro pessoas que têm uma trajetória incrível sobre o tema, com quem tanto aprendi lendo seus textos e produção acadêmica e hoje tenho a honra de chamar para publicar de forma coletiva.

O professor Aloísio foi o primeiro pesquisador que escreveu sobre Educação Ambiental Freiriana, texto que me foi referência

sempre junto com seu livro sobre os múltiplos olhares da Educação Ambiental. A professora Cruz Prado, verdadeira memória viva da Ecopedagogia, coautora com Gutiérrez da obra capital sobre o tema, me honra em poder consultá-la em minhas dúvidas pelo Whatsapp (que honra sem tamanho!). O professor Jason, um amigo-irmão que a Academia me deu, muito mais que um colega é um dos pesquisadores mais comprometidos com a transformação ecopedagógica do mundo que eu conheço. E a professora Ana Maria, só posso dizer que nossa conexão é de outras vidas, porque depois que fui seu supervisor no pós-doutorado, nunca mais nos distanciamos e hoje trabalhamos intimamente juntos no Grupo de Pesquisa Palavração, estamos construindo juntos a Rede Internacional de Pesquisa em Ecopedagogia e seguiremos – conforme combinamos – nos próximos vinte anos, debruçados sobre a Ecopedagogia.

Sem falar, obviamente, da alegria que me deu o aceite do professor Romão de escrever o prefácio desse livro que inaugura a Coleção Ecopedagogia. Foi ele que me instigou a ler, estudar e pesquisar a Ecopedagogia, insistindo comigo a cada encontro no meu pós-doutorado de que havia um tema que era pertinente e urgente e eu demorei para entendê-lo, porém, hoje sou muito grato pela insistência dele comigo.

Então, você leitor e leitora, tome essa obra como um relicário, uma vibração de novas ideias, resultado de anos de pesquisa dos interlocutores, cortando o caminho para você acessar coisas que se

foram forjando há anos na práxis ecopedagógica. São entrevistas cheias de vida, num diálogo franco em plena pandemia, onde o canal da TV Ecopedagogia do YouTube foi inaugurado e o podcast Ecopedagogia nos agregadores de áudio reproduz as mesmas conversas, sobre um tema que é necessário para o tempo que estamos vivendo.

Junto aos títulos dos textos você encontrará dois QR Codes: um é o link para o vídeo da entrevista no YouTube, o outro para o podcast direto no Spotify. Decidi ao transcrever as entrevistas, mesmo correndo o risco de um tom demasiado coloquial e menos científico, manter o caráter dialógico das conversas, por isso, você sentirá como se estivesse dialogando conosco enquanto lê o livro. Se surgir dúvidas, se encontrar erros de digitação, se quiser seguir aprofundando algum aspecto dos diálogos, basta me chamar no Instagram (@ivo-dickmann), prometo responder o mais breve possível.

Por fim, um último recado. Você perceberá que no meio das entrevistas há uma página chamada Pausa Pedagógica, ali você está convidado a pensar no que aprendeu com o diálogo e anotar suas primeiras impressões, seus aprendizados, suas intuições, sinta-se livre para escrever o que quiser. E ao final de cada capítulo há uma dinâmica que gosto muito: Palavra – Frase – Parágrafo. É o momento que você leitor e leitora, são convidados a fazer uma síntese da leitura do capítulo. Esforce-se, registre o que simboliza o diálogo, anote o que te fez sentir algo diferente, os sentidos e

significados da Ecopedagogia naquela conversa. E, se você não é bom com as palavras ou não está inspirado naquele momento, há ainda uma possibilidade de desenhar uma Imagem Pedagógica, expresse-se, crie, rabisque, se arrisque, faça da leitura desse livro uma experiência única.

Boa leitura!

Um abraço ecopedagógico!

PREFÁCIO

Ecopedagogia: política e educação latino-americana

José Eustáquio Romão





Há mais de duas décadas venho compartilhando reflexões sobre a educação e suas relações com as questões ambientais. No entanto, voltado especificamente para o desenvolvimento do pensamento de Paulo Freire – que não teve tempo de tratar mais detalhadamente sobre o problema – acabei dele me aproximando com relativa desconfiança.

Além de Freire não ter tratado da questão especificamente – o que tem levado alguns de seus seguidores a buscar aproximações entre a chamada Educação Ambiental e os princípios mais gerais da Pedagogia Freiriana – eu já estava “escolado” sobre produções aparentemente progressistas, ou “de esquerda”, que, na verdade, desviavam a atenção para focos provocadores de verdadeiros eclipses sobre os reais problemas da sociedade contemporânea.

Uma das consequências desses “eclipses” foi, por exemplo, o quase consensual encantamento das esquerdas brasileiras pela “teoria da dependência”, nos anos 1970 do século passado, tal era o brilhantismo com que Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto a desenvolveram (2018) –, que quase ninguém percebia que, embora convidativa aos olhos dos militantes socialistas, tratava-se de um verdadeiro instrumento do conservadorismo, pelo “cobri-

mento” da luta de classes no viés explicativo dessa teoria a respeito do imperialismo. Quem chamou a atenção para o engodo, ingênuo ou astucioso, foi Celso de Rui Beisiegel, em suas saudosas aulas no doutorado da então combativa Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Eu também caí na armadilha e andei dando aulas para muita gente com base na tal teoria.

Daí, a desconfiança com que eu me aproximava de qualquer nova teoria que não estivesse alicerçada nos princípios fundantes dos clássicos do pensamento de esquerda. Foi com essa postura desconfiada – lembrando ainda que os mineiros somos, por natureza, desconfiados: “Mineiro não levanta hipóteses, desconfia”, já dizia um cronista das Alterosas – que fiz a primeira aproximação com a discussão da educação voltada para as questões ambientais. Minto: minhas primeiras aproximações com o tema já tinham ocorrido com trabalhos que confirmavam minha desconfiança, porque a maioria dos textos que lia tratava da questão da educação ambiental com um explícito “boy-scoutismo”, isto é, voltava-se para campanhas escolares que atacavam os problemas provocados pela relação predatória com a natureza, ou seja, atacava os sintomas, sem ir à raiz dos problemas.

Como foi afirmado, Paulo Freire não tratou diretamente das questões ambientais, mas, quando da fundação do Instituto que leva seu nome, fez questão de incluir entre os que assinariam a ata de fundação da instituição que nascia, o nome de Francisco Gu-

tiérrez que, à época, publicara uma obra que trazia uma novidade conceitual a respeito do tema: a Ecopedagogia.

Após o falecimento de Paulo Freire, em 2 maio de 1997, o freiriano que mais se voltou para as questões ambientais foi Moacir Gadotti: ele participou de comissões nacionais e estrangeiras, de renome internacional, que acabaram produzindo a Carta da Terra; participou ativamente da Rio-92 – até hoje, certamente o evento mais importante sobre a temática ambiental, não só por ter reunido as autoridades de quase todos os países do Planeta, mas por ter incorporado as contribuições dos movimentos sociais que já se envolviam com o tema. Além disso, Gadotti estudava o problema como ninguém e escrevia, escondidinho, como é hábito de sua silenciosa e prolífera produção bibliográfica, *Pedagogia da Terra*, publicado no ano 2000 e que acabou por se tornar uma espécie de um novo marco estruturante sobre a temática, na virada do milênio.

Vale a pena lembrar como foi meu encontro, desconfiado, digasse de passagem, com os primeiros originais desta obra que estava nascendo. Estávamos em Joinville-SC, para proferir palestras em um evento educacional, quando Gadotti me entregou um pacote de folhas impressas e pedindo-me que o lesse e que, se possível, fizesse alguns comentários sobre o trabalho. Relutei um pouco, porque não disporia de tempo para ler todo o calhamaço – não gosto de emitir parecer sobre pedaços de uma obra – e porque desconfiava do assunto “educação ambiental”. Manifestei-lhe mi-

na resistência honrada, mas ele insistiu e eu acabei por iniciar o exame do trabalho que Gadotti, generosamente, me confiava para ser um de seus primeiros leitores. Iniciada a leitura do livro, não consegui parar e percebi que Gadotti, ao retomar o conceito de “Ecopedagogia”, que Francisco Gutiérrez e Cruz Prado haviam desenvolvido em *Ecopedagogia e cidadania planetária* (1999)¹, dera-lhe a profundidade e a especificidade que ele merecia, superando o problemático conceito de “Educação Ambiental”, que vinha ganhando terreno mesmo entre os intelectuais progressistas. Finalmente, aparecia um trabalho que, a meu juízo, punha os “pingos nos is”, denunciando os perigos da alienação implícitos numa proposta educacional que atacava os sintomas e omitia as verdadeiras causas da utilização predatória dos recursos naturais pelo capitalismo mais selvagem já conhecido. Dominado pelo “capital improdutivo”, de acordo com a feliz expressão com que Ladislau Dowbor batizou o processo de acumulação capitalista contemporâneo (DOWBOR, 2017), ele encaminha tudo para uma verdadeira “República da Agiotagem”, com o sacrifício suicida, inclusive, de seus agiotas, já que encaminham o Planeta para o iminente aniquilamento total. Ladislau chega a usar uma metáfora aparentemente apocalíptica – lamentavelmente real: “Delinhamos até aqui esse tipo de Triângulo das Bermudas constituído pelo drama ambiental, a tragédia social e o caos financeiros” (2017,

¹ Incluímos, Gadotti e eu, a obra na Coleção “Guia da Escola Cidadã” (v.3), que coordenávamos nas coedições do Instituto Paulo Freire com a Editora Cortez.

p. 36) – para caracterizar os efeitos colaterais do atual processo de acumulação capitalista, destacando, em primeiro lugar, a questão ambiental. Portanto, é urgente a transformação desta questão em matéria curricular de todos os graus e modalidades de ensino, como uma das únicas saídas da espécie humana. Neste sentido, ela se torna eixo estruturante de toda a educação humana, se se quiser continuar falando – se é que vai sobrar alguém para falar – em continuidade do processo civilizatório. A evolução dos dados de 1750 até os dias de hoje, segundo Dowbor, são alarmantes, seja por seu impacto, seja por sua iminência. E ele os retirou de um gráfico extraído de uma das mais prestigiadas revistas científicas, *New Scientist*, cuja capa do n.º 2678, de outubro de 2008, é bastante sugestiva: para onde estamos conduzindo o Planeta com nossa verdadeira “folia do crescimento”:

Continuei preocupando-me com a questão até que, juntamente com José Eduardo de Oliveira Santos, organizei o n.º 100 da série “Questões da Nossa Época” (2003), cuja temática foram as “Questões do Século XXI”, e cuja estrutura foi pensada de modo que cada capítulo conteria um dos grandes desafios do século (milênio) que começava a ser abordado por especialistas. A questão ambiental abriu o primeiro tomo da obra, dada sua prioridade de acordo com nosso juízo, tendo sido desenvolvida por um time de especialistas: Carlos Alberto Maldonado (de saudosa memória), Ernesto Jacob Keim, Luiz Augusto Passos e Michèle Sato (que

nos deixou recentemente⁰. Neste capítulo, os autores chamavam a atenção:

A intervenção dos humanos na dinâmica organizativa do cosmo tem sido respaldada por uma transgressão de limites de fato e, não de direito, que se espalha muito além dos pressupostos e regulações da moral e da ética... põem em risco o equilíbrio necessário à reprodução e ao partilhar da vida (ROMÃO; SANTOS, 2003, t. II, p. 22).

Porém, com todo o brilhantismo da obra citada, os autores ainda insistiam na “Educação Ambiental”, tendo, a todo momento, que adjetivá-la, como “crítica”, ou justificá-la para que não fosse confundida com as proposta boy-scoutistas tradicionais. Ora, a defesa de uma posição que precisa, a cada passo, explicar-se para não cair na “vala comum” das propostas de que quer diferenciar-se, ou até mesmo contrapor-se, já é um sinal de fragilidade argumentativa. Paulo Freire chamava a atenção, em *Extensão ou comunicação?*, para “[...] a força operacional dos conceitos [...]” (FREIRE, 1992, p. 23), a que se poderia acrescentar o poder das palavras e das expressões que se transformam em sanção simbólica – até mais forte do que as sanções legais –, convencendo corações e mentes e impondo concepções e comportamentos, escondendo a verdade e as contradições do problema que expõe, numa implícita empreitada, ingênua ou astuta, de alienação.

Em suma, e no caso específico do ambientalismo, continuar a

usar a expressão “Educação Ambiental”, mesmo que adjetivando-a e conceituando-a de modo a incorporar os eixos estruturantes da sustentabilidade planetária, parece-me, no mínimo, um equívoco estratégico, na luta por uma verdadeira Ecopedagogia.

Por tudo isso, muito me alegrou e honrou prefaciар esta obra que Ivo Dickmann organizou e que traz a lume com o título de Ecopedagogia: origens, fundamentos, perspectivas. Cada vez mais necessitamos disseminar o conceito de Ecopedagogia como uma das propostas capazes de salvar a educação, a humanidade e o próprio Planeta, por sua reflexão crítica profunda a respeito dos modos de vida contemporâneos e por seus encaminhamentos menos preocupados com o desenvolvimento e mais voltados para a continuidade do processo civilizatório, em que, apesar dos desafios, o esforço é inteiramente dedicado à luta pela vida, pela liberdade e pela igualdade, em síntese, dedicado absolutamente aos processos de humanização, de modo a garantir a sobrevivência com qualidade para os atuais habitantes da Terra e para as futuras gerações.

Referências Bibliográficas

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento na América Latina:** ensaio de interpretação sociológica. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo:** Por que oito famílias têm mais riqueza do que mais da metade da população do mundo. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

DOWBOR, Ladislau. **The age of Inproductive Capital:** new architectures of power. Tradução Eugenia Deheinzelin, São Paulo: Outras Palavras; Autonomia Literária, 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução Rosisca Darcy de Oliveira, 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária.** Tradução Sandra Trabucco Valenzuela, São Paulo: Instituto Paulo Freire; Cortez, 1999.

ROMÃO, José Eustáquio; SANTOS, José Eduardo de Oliveira (Org.). **Questões do Século XXI.** São Paulo: Cortez, 2003 (Coleção Questões da Nossa Época, v. 100, tomo II).

CAPÍTULO 1

Ecopedagogia: origens e fundamentos

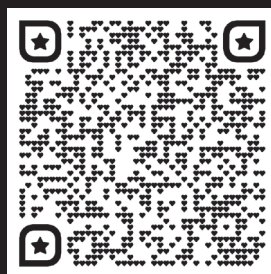
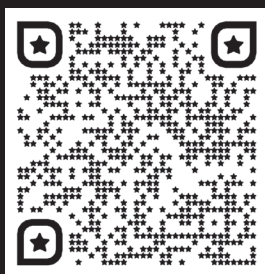
Ivo Dickmann

Cruz Prado



Assista no Youtube

Acesse o Podcast





Ivo - Muito bem, estamos aqui em mais um episódio da TV Ecopedagogia e também se você está nos escutando pelo *podcast* Ecopedagogia, hoje, temos um encontro muito especial, com muito carinho, uma grande honra ter conosco Cruz Prado, uma das criadoras da Ecopedagogia. Enfim, ela vai falar para nós como isso tudo começou, como isso tudo começou lá na Costa Rica e nós vamos falar um portunhol, com um pouco de português, um pouco de espanhol, mas tenho certeza plena de que vamos nos entender muito bem. A professora Cruz Prado está hoje em dia na Costa Rica, e desde já nossa gratidão por sua presença conosco. Seja bem-vinda Professora Cruz Prado.

Cruz Prado - Muito obrigada pelo convite. É uma oportunidade muito boa para contar a vocês a origem da Ecopedagogia porque, como disse Moacir Gadotti, o primeiro livro sobre Ecopedagogia é nosso, escrito por Francisco Gutiérrez e eu e tem as origens muito interessantes porque são muito diversos, muitas coisas convergiram, muitos elementos convergiram para pensar nessa proposta. Por isso é muito interessante ter essa oportunidade para poder contar essa pequena história de onde emergem essas necessidades.

Ivo - Sim, sim. Eu tenho o livro, vou pegar aqui, está aqui, publicado no Brasil, em português "Ecopedagogia e Cidadania Planetária".

Cruz Prado - Esse eu não o tenho.

Ivo - É a terceira edição.

Cruz Prado - Eu não o tenho, mas quero um exemplar.

Ivo - Vou enviar um livro deste para você. Vou enviar a você um pelos Correios.

Cruz Prado - Por favor, porque gostei muito da capa.

Ivo - A capa muito linda, sim, sim, muito linda, muito linda.

Cruz Prado - A primeira versão que eu tenho não tem a capa tão linda como essa.

Ivo - Muito bem. Mas, diga-me, qual é a origem da palavra, por que a palavra Ecopedagogia e não educação ambiental, educação ecológica ou alguma outra?

Cruz Prado - Ok. Eu iniciei sozinha, Francisco Gutiérrez ainda não estava me acompanhando nesse trabalho. Fazia muitíssimos anos, quando se iniciou. Então, havia uma pessoa no Conselho da Terra que quando iniciamos o trabalho, de propor a Carta da Terra, havia uma pessoa que se chama Alicia Bárcena, que atualmente

é a secretária executiva da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe - CEPAL.

Ivo - Sim, CEPAL.

Cruz Prado - Estou falando devagar, verdade, daí vou seguindo.

Ivo - Sim, muito bem. Qualquer dúvida, eu faço uma pergunta.

Cruz Prado - Exato. Eu e ela nos conhecemos, e comecei a fazer o trabalho para ver como poderíamos criar a Carta da Terra. E haviam como duas vertentes fortes. Uma vertente forte era a nossa e que compartilhávamos muito bem com Alicia Bárcena. Que teria que ser um movimento de bases e não das alturas, e por quê? Por isso, esse era um nascimento complexo porque há muitas coisas que se relacionam.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Francisco Gutiérrez, antes, havia feito um trabalho sobre Direitos Humanos e havia falado de algo, que ele disse, a declaração e a demanda. O que aconteceu? Havíamos feito uma investigação em América Central e as pessoas sabiam de memória os direitos que elas tinham.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Porém, na hora de colocá-los na prática, por exemplo, o povo hondurenho, exigir o direito à educação, não sa-

biam como fazer isso a respeito do direito à educação. Sabiam como conseguir um *habeas corpus*, porém, não sabiam como lutar pelo direito à cidadania, como conseguir o direito à educação. Então, Francisco disse que havia uma coisa que na declaração, vem de cima e é mais na vertical, e a demanda vem de baixo.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Das bases. Então nós dissemos, a Carta da Terra não pode ser uma declaração. A Carta da Terra deve vir das bases. E por aí começou uma das primeiras intuições. A outra, segunda intuições é que eu vinha criticando muito a educação ambiental. Eu pensava que o tema da educação ambiental não era aprender a plantar pequenas árvores para proteger a Bacia de um rio, não era reciclar plástico, não, não era só isso, isso é somente uma parte, e uma parte mais instrumental que o tema da Carta da Terra, e o tema da Terra devia ser um tema holístico e de significado holístico para eu me sentir parte dela. Ou seja, eu não estou para cuidar da terra, eu sou parte da terra.

Ivo - Eu sou a Terra.

Cruz Prado - Eu sou a terra.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Eu sou a terra e, nesse sentido, para mim, há uma diferença entre holismo e a complexidade, porque o holismo deve

ser complexo, mas não necessariamente uma proposta complexa holística, porque para mim o holismo é essa conexão cósmica que temos e que a trouxemos desde o *Big Bang*, porque trouxemos moléculas do *Big Bang*, isso é o que para nós, na sociedade mercantil, que prioriza o mercado consumista se perdeu totalmente, que é a conexão espiritual. Não estamos falando de religiões, estamos falando de conexões espirituais, ou seja, conexões com o *Cosmos*. Essa outra parte, também vínhamos pensando, e eu a vinha intuindo. Não há como trabalhar um livro sobre educação ambiental, se não for trabalhar um livro sobre valores fundamentais que nos devolvam a reconexão com a Terra. Também tem outra convergência com uma área muito importante, muito importante. Francisco Gutiérrez já estava lendo muitíssimo a física quântica, biologia molecular, e estava criando todo o movimento da pedagogia a partir disso. Ele falou com Paulo Freire uma série de vezes e Paulo também já começava a ler sobre alguma dessas coisas, e eles pensaram que teriam de escrever um livro sobre uma pedagogia nesse sentido, já dentro de um olhar emergente totalmente, dentro de um paradigma emergente. Porém, Paulo morreu, porém eu segui trabalhando na criação da Carta da Terra. A outra linha que estava na Carta da Terra, muito sustentada por Gorbachev, com quem tivemos as primeiras, a primeira, a primeira reunião, a primeira delas eu não recordo o ano, porém estava Mikhail Gorbachev, Maurice Strong, entre outros...

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Então, todas essas coisas foram convergindo, posteriormente fomos convidados à casa da família Rockeller em Nova York, e tivemos uma reunião muito interessante com Brian Swimme, um cosmólogo, porém muito espiritual, com duas pessoas muito espirituais que haviam trabalhado muito com o tema da Carta da Terra, e que tinham trabalhado todo o tema das religiões e que se chama Mari Evelyn Tucker maravilhosa pessoa, e então começamos a dizer-nos bem, aqui teremos que incorporar todos os olhares que podemos, porém, que emergja da mesma população de base, dos mesmos territórios, a proposta que queremos de educação para a Carta da Terra. Essas foram como as origens da Ecopedagogia. De fato, o livro de Ecopedagogia é escrito para o Conselho da Terra, financiado pela União Europeia, mas para o Conselho da Terra, por isso a origem, porque essas são como as raízes.

Ivo - Sim. Diga-me, os diálogos entre Francisco e Paulo Freire era de criar uma Pedagogia da Terra ou a incorporação das temáticas emergentes ambientais e físicas biomoleculares na pedagogia?

Cruz Prado - As duas coisas.

Ivo - As duas coisas.

Cruz Prado - Porque não se podia pensar em criar essa outra pedagogia sem entender essas vinculações primeiro. Porque como tudo havia sido tão fragmentado até o momento, uma coisa era a

ideologia e dentro da ideologia muitas outras coisas fragmentadas. Então, se não se entendesse essas vinculações que existiam entre todas as coisas, com uma visão completa, era impossível entender o que poderia ser uma pedagogia para a Terra, impossível. E a nossa ideia era recuperar valores mais espirituais de reconexão com a Terra, com os quais é muito difícil que concluam com valores do mercado capitalista.

Ivo - Sim, sim. Quando eu conversei com Sheila Ceccon, ela me disse que um dos grandes distanciamentos entre Ecopedagogia e educação ambiental é exatamente que a Ecopedagogia não coaduna com o mercado, e a educação ambiental se fala de muitas educações ambientais, e a Ecopedagogia é um pouco mais uníssona. É assim pra você também?

Cruz Prado - Veja, eu sinto, e, claro que foi muito bom tudo o que contribuiu a educação ambiental, e não a estamos criticando no todo, estamos pensando que ela não era suficiente, não tinha a profundidade que deveria ter, é a isso que me refiro. Porque, porque o que eu te digo, bem, temos que reflorestar a bacia de um rio, e nos ensinamos a reciclar o lixo e fazer uma compostagem, isso para mim não é Ecopedagogia, isso para mim é educação ambiental, é uma série de instrumentos e ferramentas, que são necessárias para a Ecopedagogia também. Nós não a estamos deixando de lado, e, claro, e quando mudamos os valores também temos que mudar as práticas.

Ivo - As práticas, sim, com certeza.

Cruz Prado - Claro, por isso te digo, não se deve demonizar e nem antagonizar com a educação ambiental, de nenhuma maneira, o que acontece é que a educação ambiental, para dizer de alguma maneira é mais instrumental.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - E a outra é uma proposta epistemológica diferente. Com uma base epistemológica não baseada no pensamento moderno, se não nessa emergência de um novo pensamento, muito mais relacionado com a complexidade, porque a complexidade é um proposta em cuja base está a vida.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Ecopedagogia é a vida.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Então, obviamente por padrão é para a sustentabilidade.

Ivo - Sim. É claro. Eu penso que, olhando por este caminho, a educação ambiental crítica brasileira tem plena identidade com a Ecopedagogia, porém, a vertente da educação crítica brasileira, não é toda a educação ambiental. Nessa parte específica tem muita identidade, a crítica ao sistema, ao modelo insustentável, está na

raiz dos princípios e das práticas da educação ambiental crítica brasileira, é muito, muito, parecida, mas nem toda a educação ambiental. Sim, eu concordo.

Cruz Prado - E veja, provavelmente, essa educação ambiental emerge posteriormente, porque quando nós vimos o estado da arte dessa temática, e naqueles tempos, eis que estamos falando de que, quando a primeira edição em...

Ivo - No Brasil em 1999.

Cruz Prado - Sim, em 1999. Então, eu creio que nesse momento o que estava emergindo era uma diversidade de propostas porque já havia passado Rio-1992, Rio-92 + 5 e essa era a grande preocupação. Então, acredito que era o momento da emergência de muitas propostas, porém não haviam muitas propostas onde, o que será alcançado foi o tema de valores, eu não gosto muito da palavra valores, para mim há muito barulho/ruído. Porém, como o tema da base epistemológica pela qual se sustentava uma educação, uma pedagogia, eu digo que é uma pedagogia, porque se bem me recordo Paulo Freire sempre dizia que, quando dizemos que uma educação não funciona, não é a educação que não funciona é o sistema que não funciona.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Eu preferiria não falar de educação, a não ser falar de uma proposta pedagógica.

Ivo - Sim. Claro que sim, sim. Muito bem. E nos anos de 90 sim, são os anos em que emergem muitas perspectivas críticas na educação, na política, emergência de partidos de classes e, então, a educação ambiental também vai absorvendo as perspectivas críticas e também construindo uma perspectiva de educação ambiental crítica e, no Brasil, é muito forte e amparada, baseada no pensamento de Paulo Freire.

Cruz Prado - Sim.

Ivo - E a obra, a obra "Ecopedagogia e Cidadania Planetária" tem uma contribuição muito grande para que se constitua essa perspectiva crítica de educação ambiental, para que se assemelhe um pouco mais, que se construa uma pequena identidade entre as duas perspectivas. Eu penso assim, do que já estudei e do que já li, estou muito, muito bem de acordo com o que você disse há pouco.

Cruz Prado - Pois, eu não sei se em algum momento você tem alguma pergunta para fazer-me, sobre... se há alguma abordagem nova de nossa parte sobre Ecopedagogia?

Ivo - Sim, sim. Vou deixar para o encerramento.

Cruz Prado - Ok. Eu imaginei.

Ivo - A Ecopedagogia hoje.

Cruz Prado - Por isso é que eu perguntei.

Ivo - Eu gostaria que você falasse um pouco mais sobre seu encontro e o encontro de Francisco Gutiérrez com Paulo Freire. E como os pensamentos, as ideias, as práticas de Paulo Freire ajudaram a construir a Ecopedagogia.

Cruz Prado - Vamos ver... Paulo morreu muito rápido, pouco tempo depois desse encontro com Francisco, que foi em um jantar em São Paulo, nada mais, não foi um trabalho, não foi uma reunião de trabalho, nada disso. Foi uma conversa de amigos em um jantar, em que ele compartilharam o que estavam lendo, o que lhes preocupava e nada mais. Eles disseram, bem, precisa ser feita uma abordagem um pouco mais séria, mais profunda. Isso que ficamos falando no jantar e já começamos a trabalhar nisso e, bem, Paulo se foi antes que eles pudessem trabalhar. Por isso, por esse lado, eu não vejo, como eu posso lhe dizer, tanta intervenção de Paulo, nessa parte. Porém, em toda a abordagem geral, temos claro que as abordagens gerais de Paulo Freire, por exemplo, um dos temas mais fundamentais de Paulo é o amor. Ou seja, e nós discutimos muito isso e discutimos também nos espaços pedagógicos, o espaço da ternura e da poesia e todas essas coisas que são criadas aí, mas não sai de Francisco Gutiérrez ou de Cruz Prado, isso sai da leitura e do aprofundamento e dos estudos de Paulo Freire, de vários autores, porém muito influenciados por Paulo Freire nessa parte, é verdade. Está também o tema da ética, e a ética tem a ver com esse princípio que eu apresentei quando me entrevistaram

para os 100 anos de nascimento de Paulo Freire, que Paulo Freire tinha uma ética amorosa, porém um ética dura, mas amorosa.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Esses são os paradoxos que se entendem no paradigma emergente, sabemos que não é uma coisa nem a outra, são as duas coisas juntas. Então, o tema da ética e por aí é um dos temas fundamentais nossos. Dos eixos fundamentais que vamos buscando no livro é o tema da ética, e esse obviamente que é um tema muito influenciado por Paulo Freire, muito influenciado.

Ivo - Sim, diga-me, depois desse livro, dessa primeira produção publicada em vários países, você e Francisco fizeram outras publicações sobre a Ecopedagogia?

Cruz Prado - Não. Fizemos outras publicações, mas não sobre Ecopedagogia, porque nós, bem, Francisco... Francisco tinha a ideia da criação de um doutorado no paradigma emergente. Um doutorado tal e qual poderiam ter sonhado José Eustáquio Romão, Moacir Gadotti e Paulo Freire e um montão de gente. Um doutorado ético e liberador, onde o mais importante fosse o ser humano e não a parte acadêmica administrativa.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Então... nos anos 2000 até 2001 nós começamos a trabalhar na construção desse doutorado, e esse doutorado já

tem muitos anos, está em 10 países na América Latina, tem tido muita aceitação e por isso nos ocupou muitíssimo e agora eu vou retomar uma pequena parte da Ecopedagogia para mudá-la, então deixamos isso para o último período e, claro que estamos trabalhando fortemente no doutorado, isso sim.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - E tem havido muitas produções doutorais a partir da abordagem ecopedagógica. Isso sim, muitas teses doutorais a partir da abordagem ecopedagógica, porém nós já não escrevemos nada mais, mas agora que eu vou escrever um artigo.

Ivo - Muito bem.

Cruz Prado - Temos algumas produções, alguns artigos sobre tudo para conferências, para publicações, mas ficamos por aí. Não recordo, mas livro não, obviamente.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Livro não. Porém pode ser que haja algum projeto ou algo que eu não recordo.

Ivo - Eu fiz, em 2018, um pós-doutorado com José Eustáquio Romão, em São Paulo, e ele insistia comigo de que era necessário escrever mais sobre a Ecopedagogia, porque tinha apenas esse livro e era necessário produzir, produzir sobre a Ecopedagogia, e insistia comigo. E eu, bem, um ano é pouco tempo para fazer uma

produção sobre a temática, é necessário que se pratique, se pense, que se leia e, enfim, tudo. Então me parece que há uma lacuna a respeito de livros, de que é necessário produzir mais sobre a temática. Aqui no Brasil, há três ou quatro livros posteriores ao de vocês, somente.

Cruz Prado - O livro do Moacir Gadotti?

Ivo - Sim, a "Pedagogia da Terra".

Cruz Prado - Esse foi o segundo. O nosso foi o primeiro e logo depois veio o de Moacir. Eu não conheço outros.

Ivo - Sim, eu li esses livros de Ecopedagogia e percebo que há uma confusão entre a Ecopedagogia e educação ambiental. Não são livros necessariamente de Ecopedagogia. Há uma confusão temática, e como você mesma comentou, não é um grande problemas, porém, é necessário que se coloque cada coisa em seu lugar, não?

Cruz Prado - Ivo, sim, é um grande problema.

Ivo - É?

Cruz Prado - É um grande problema em que sentido? Se não se colocam as coisas nos devidos lugares porque, como eu lhe disse, a Ecopedagogia faz uma abordagem de fundo epistêmico, nem se quer epistemológico, mas epistêmico, porque vai ao fundo da episteme e a episteme mudando os valores fundamentais do pensamento moderno.

[illegible]

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Tem que pensar a Ecopedagogia desde suas bases epistemológicas. Bem, não se pode fragmentar. Não se pode ter uma visão mecânica quando estamos falando da natureza, não se pode ter uma visão onde se separe o objeto do sujeito.

Ivo - Certo.

Cruz Prado - Ou seja, estamos apontando diretamente as bases fundamentais do pensamento moderno, de Descartes, de Newton, quando digo isso não estou os criticando. Não critico nem Descartes nem a Newton, em sua época foi muito importante o que eles propuseram. E foi muito importante o que propuseram e também é uma base epistêmica que dá origem ao surgimento do capitalismo.

Ivo - Sim, sim.

Cruz Prado - Verdade. E com o surgimento do capitalismo vem a invasão da América e a colonização. Então estamos falando de coisas fundamentais entre Educação Ambiental e Ecopedagogia. Porque se nós desenvolvermos um pouco o que propomos com a Ecopedagogia chegaremos a esse questionamento profundo, das bases que lhe dão sentido e sustentam o mercado e o capitalismo. E o que estamos propondo se afasta totalmente disso. Que é um pensamento complexo, um pensamento baseado na vida, e quando digo a vida, obviamente, penso em toda a vida e nós como parte

da vida, como um ecossistema, mas, com o qual também está em contraposição ao antropocentrismo. Enfim, então é um problema grave, o que acontece é que se nós tomamos a educação ambiental como ferramenta não há uma contradição nesse sentido, como ferramenta, mas se a consideramos como uma proposta sim, há uma contradição fundamental.

Ivo - Ah, sim.

Cruz Prado - Porque nós estamos justamente desarticulando, desmontando, esse tema da fragmentação, da visão mecânica e linear. Então, é..., é que as coisas são muito.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Porém, tomar as ferramentas para que façam parte e se complementem com a Ecopedagogia está bem, mas como ferramenta, não como proposta epistemológica. Não como proposta de pensamento, porque o pensamento que propomos é o pensamento para mudar justamente o paradigma.

Ivo - Sim. Muito bem, bem. Antes de falar sobre a Ecopedagogia, há uma pergunta sobre o livro *Ecopedagogia e Cidadania Planetária*: a primeira parte é o referencial teórico, a terceira parte são as práticas, a segunda parte é o processo pedagógico e fala sobre o caminhar, este é o método da Ecopedagogia, é o caminho? A Ecopedagogia tem um método?

Cruz Prado - Seria uma contradição com a proposta epistemológica, se colocarmos um método. O método quem inventou foi Descartes. De tal modo que serve para fragmentar, lembre-se disso, serve para fragmentar. Não, na realidade é um processo, ou seja, nós não queremos um modelo nem queremos um método. O que nós propusemos é um caminhar, como propõe o pensamento complexo. Justamente, não podemos ter objetivos, como ter objetivos? Podemos ter horizontes que nos permitam avançar, porém, os caminhos vamos construindo. Por que? Porque vamos construindo nos contextos e nos territórios. Quando não se propõem objetivos e se propõem métodos, se esquece do território e se vai para a parte mais acadêmica, mais geral e nós não acreditamos na generalidade. Acreditamos nas coisas contextualizadas, encarnadas nos territórios. Só essa maneira poderemos mudar as coisas. Imagina você, temos de mudar primeiro a nós mesmos para poder mudar as nossas relações com os entornos naturais que temos. E isso somente cada pessoa pode construir. Claro que nas conversas vão se construindo as culturas, e como somos não podemos ser senão nas relações. Então vamos construindo e mudando essas relações vamos construindo e mudando a cultura, porém, definitivamente, método, modelo, metodologia nada tem a ver.

Ivo - Não.

Cruz Prado - O que há são como pistas, como... alguns, eu chamo *chispazos*, isso existe em português, *chispazos* (faíscas)?

Ivo - Sim, *insights*.

Cruz Prado - Que vem, e que se diz por aí poderia... são como sinalizações dos caminhos para saber por onde ir, para mostrar o caminho.

Ivo - Sim, sim eu compreendo.

Cruz Prado - Nunca marcar o caminho.

Ivo - Bem e também não são ações espontâneas, são muito bem orientadas epistemologicamente. A episteme é orientação do caminhar? É isso?

Cruz Prado - Mais ou menos. A episteme é como a base para dizer porque vamos caminhar e temos os horizontes, porque se você está fazendo ações aleatórias, não..., aleatórias não, que vão emergindo assim espontaneamente, não tem claro para onde está caminhando.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - E temos que ter claro para onde estamos caminhando, isso obviamente. E também se faz um desenho que permite começar a vincular elementos, porém não se fica em um desenho positivista, fixo, verdade? O qual lhe diz, por aqui você tem que caminhar. Não, porque podem existir elementos que vão sendo mudados. Esse olhar leva a bifurcações, tenho que estudar isso para chegar ali, não posso ir direto, eu devo ir desviando algu-

mas vezes pelas bifurcações que vão marcando. Não quero falar da realidade, tampouco, que vou marcando as necessidades, ou seja, a implementação de um projeto ou de ou de uma investigação, porque às vezes os modelos servem para dizer, isso deve ser feito assim.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Também há outro elemento que é fundamental, quando estamos falando desde a aprendizagem, não desde o ensino, de nenhuma maneira você pode ter um modelo, porque no que a aprendizagem se embasa fundamentalmente? Digamos, o ensino tem certeza. Bem, por quê? Porque alguém projeta isso e implementa e depende da autoridade, depende do conhecimento do professor que se impõe, também se estabelecem controles que são muito importantes, que são fundamentalmente as avaliações, tais como as temos criado. Não sou contra a avaliação.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Sou contra a avaliação como elemento de controle. Como elemento de crescimento de retroalimentação, maravilhosa, temos que tê-la, porém, não como elemento de controle, não.

Ivo - Não. Sim, sim, com certeza.

Cruz Prado - Agora, a Ecopedagogia não está nesta parte, a ecopedagogia está na aprendizagem, e na aprendizagem o que temos? Temos que o mais importante é a pessoa que aprende, não

somente o conteúdo, e o ensino tem o conteúdo como o mais importante.

Ivo - Certo.

Cruz Prado - E na aprendizagem, e aqui eu não quero dizer que ela é mais importante, porque esse é outro tema que temos com o pensamento moderno, sempre temos que andar falando de mais de menos, ou comparando.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Em verdade, o conteúdo é muito importante, porém, até o momento, a educação que temos baseada na aprendizagem somente, o único importante é o conteúdo. Então nós pensamos que se deve incorporar o interlocutor, porém de verdade como um ator ativo, não é um encontro acadêmico, é um encontro real. Ou seja, aquilo que nós temos que fazer como professores e professoras, mediar, mediar o conteúdo que eu tenho que compartilhar. Se eu estou em uma aula de Ecopedagogia é Ecopedagogia, não é de uma viagem para a lua é sobre Ecopedagogia, essa é uma informação que eu tenho e tenho que compartilhar, não tenho que transmitir.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Tenho que compartilhar, para que a pessoa que aprende tome essa informação e construa o seu processo de apren-

dizagem. E é daí onde emerge o conhecimento. Então, por isso é muito importante essa parte de conhecer a Ecopedagogia. Por isso não pode haver modelo, porque cada vez que eu trabalho com um grupo, trabalho com gente diferente e tenho que ter algum mínimo de aproximação com essa gente para poder estar construindo na prática espaços de aprendizagem, se não era mais fácil porque eu chego com um caderno já dizendo o que devo fazer, vou na classe e aplico. Como as crianças aprenderam ou não aprenderam? Com a prova. Mentira, memorizaram e não aprenderam.

Ivo - Sim, sim não o que aprenderam. Isso se aproxima muito da perspectiva freiriana, não?

Cruz Prado - Claro, certamente.

Ivo - Sim, sim, há uma identidade profunda.

Cruz Prado - Certamente. E, meu esposo... Sim, Francisco Gutiérrez era meu esposo também, ele escreveu no final um livro de doutorado, que se chama "Os acompanhantes do caminho" ou algo assim, onde ele menciona uma série de autores que o influenciaram até chegar à criação dessa proposta pedagógica. E esta é a proposta pedagógica que emerge, eu poderia dizer que do doutorado e assim que emerge da Ecopedagogia, porque os valores que colocamos no livro são os valores que levamos à prática no doutorado.

Ivo - Ah sim. Muito bem.

Cruz Prado - De todas as maneiras se há criação, ainda que não haja outro livro, mas há uma criação diretamente influenciada pelo doutorado, pelo doutorado em Ecopedagogia.

Ivo - Sim. Bem, e a Ecopedagogia hoje, como está?

Cruz Prado - Bem, veja, eu estou em um processo e vou escrever de toda a forma um artigo pequeno, mas estou em um processo de reconsiderar, não a Ecopedagogia, mas a cidadania planetária. Por quê? Porque não gosto da cidadania, e isto é o que vou trabalhar. A cidadania é um conceito que vem da Grécia Antiga é muito influenciada a partir de Aristóteles, que eu também não gosto nada. Lembra quem eram os cidadãos? É um conceito profundamente patriarcal.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Os cidadãos serão homens com propriedades que viviam na *pólis*.

Ivo - Sim, sim, certamente.

Cruz Prado - Por outro lado eu também não gosto muito da cidadania, porque nos tempos mais recentes, com todo esse pensamento moderno, a cidadania vem sendo muito utilizada para normalizar as pessoas. É verdade que todos estamos abaixo das mesmas leis, porque somos cidadãos de tal país, então temos de nos comportar igual.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - O que é absolutamente fora de toda a lógica vital, porque todos e todas somos diferentes. Podem haver princípios éticos básicos, de todo modo as leis são morais, são feitas para manter e fortalecer a sociedade que existe. Então, essa normalização que propõe a cidadania em nossas abordagens, acontece porque eu vivo em um país sem exército. Costa Rica não tem exército e nunca teve um golpe de Estado, supõem-se que é um país super democrático, porém, eu creio que a repressão se exerce ideologicamente, através de todos esses mecanismos que são perversos, que são muito perversos para sustentar o mercado. E muitos desses mecanismos são legais, mas não são éticos.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Então o tema da cidadania que eu não gosto e tem surgido um novo tema muito interessante em uns grupos de mulheres em redes comunitárias, muito interessante, que se chama cuidadania.

Ivo - Cuidadania!

Cruz Prado - Cuidado essencial do qual fala Leonardo Boff.

Ivo - Sim.

Cruz Prado - Então eu quero tirar a palavra cidadania, além disso, perceba que a cidadania agora tem uma conotação muito

relacionada à segurança, e a palavra segurança não está a favor do cuidado, é outro erro. Então agora o que vou escrever, não vou escrever outro livro, vou escrever umas oito páginas onde questiono e respondo porque questiono o conceito de cidadania, que é um conceito patriarcal, colonizador, e vamos substituí-lo por algo que tenha mais a ver com a *Pachamama*, com nossas raízes e identidade.

Ivo - Sim, sim.

Cruz Prado - Os cuidados... é muito interessante quando um cuidado se institucionaliza, eu já não o vejo interessante, os cuidados surgem na nossa natureza de nos cuidarmos, nas redes sociais, porém não nas redes sociais de *internet*, nas redes sociais que configuram os territórios.

Ivo - Nas redes reais.

Cruz Prado - Nas redes reais. Então..., eu penso que por vai emergir uma reflexão, é uma reflexão que, não gosto dessa palavra, e que eu gostaria de desenvolver mais a palavra cidadania, trabalhando-a desde o cuidado essencial, que tem a ver, que se relaciona..., o pensamento de Leonardo Boff se relaciona perfeitamente com Ecopedagogia.

Ivo - Sim, sim.

Cruz Prado - Total e absolutamente. Então eu achei melhor escrever um capítulo pequeno, ou algo assim, sobre essa parte. Isso

é o que eu havia pensado como novo digamos, porque eu havia revisado o outro de Ecopedagogia e esse me pareceu melhor, que nós apresentamos muito antes, que a gente nesse momento ainda não o assimilava porque ainda estava nessa de educação ambiental, mas a cidadania me parece que já podemos começar a planejar. O que te parece, Ivo?

Ivo - Muito bom. Eu penso que não é apenas uma troca de letras e de palavra, mas uma troca de sentido, não é?

Cruz Prado - Totalmente.

Ivo - E não é uma necessidade de trocar o título do livro para Ecopedagogia e cidadania planetária ou planetariedade. É muito mais do que isso. Sim. Eu estou aqui pensando, comigo mesmo, a profundidade do novo conceito. A cidadania não é um cidadão ou uma cidadã melhor servido pelo Estado, não. É muito mais do que isso.

[...]

Ivo - Em algum dia, em algum momento entender que há América Central e que ela existe, não é!

Cruz Prado - Costa Rica tão pequena. Costa Rica, eu creio, que é como o Pantanal, ou menor que o Pantanal.

Ivo - Sim, Com certeza. Cruz, duas coisas. Primeiro quero agradecê-la, porque poderíamos fazer aqui uma conversa de dez

horas, porém a audiência não tem a mesma paciência que nós, e conosco mesmo!

Cruz Prado - Com razão e é antipedagógico.

Ivo - Sim, com certeza. Eu penso que podemos falar mais vezes, em outros momentos, para continuar falando e não fazer disso um momento único e nunca mais, enfim, falar sobre isso, porque a essência deste canal e do *podcast* Ecopedagogia é realmente falar sobre o tema, para que nós possamos compreendê-lo melhor. Eu penso que hoje, quando se fala em Ecopedagogia em Brasil..., é de livros, de Francisco Gutiérrez. Sim, sim, eu sei, eu sei! É como Paulo Freire, conhece Paulo Freire? Sim, sim, conheço a "Pedagogia da Autonomia", sim, sim, sim e fica por isso, acaba assim. Não mais do que isso. Eu penso que devemos ir aos fundamentos, à episteme, ao caminho. Compartilhar práticas da Costa Rica, do Brasil, do Uruguai, da Argentina, de toda a América Latina como um todo, para que possamos aglutinar, aproximar as práticas da essência do que é realmente a Ecopedagogia. Aí eu penso que fazemos uma contribuição importante para uma nova educação e a troca social, a revolução das ideias, das abordagens, enfim, o que você pensa sobre isso?

Cruz Prado - Olha, isso me encantaria porque para mim parece, para mim, eu não gosto de falar, digamos, desse pensamento complexo, e aprendi que não se pode falar de generalidades. Então, na Academia dão uma disciplina de pensamento complexo, porém,

logo em nossa prática seguimos sendo fragmentados, lineares. Então, sabe que encantaria a mim poder fazer uma conversa sobre os espaços pedagógicos que estão ao final do livro. Então, relacionar a episteme de como se personifica em cada espaço pedagógico, como se dá a realidade em cada espaço pedagógico, que tem a ver com a não-fragmentação, que tem a ver com o cuidado essencial, que tem a ver com todas essas coisas com cada um dos espaços pedagógicos, por que são pensados esses espaços pedagógicos?

Ivo – Sim, verdade. Obrigado professora Cruz Prado pelo nosso diálogo.

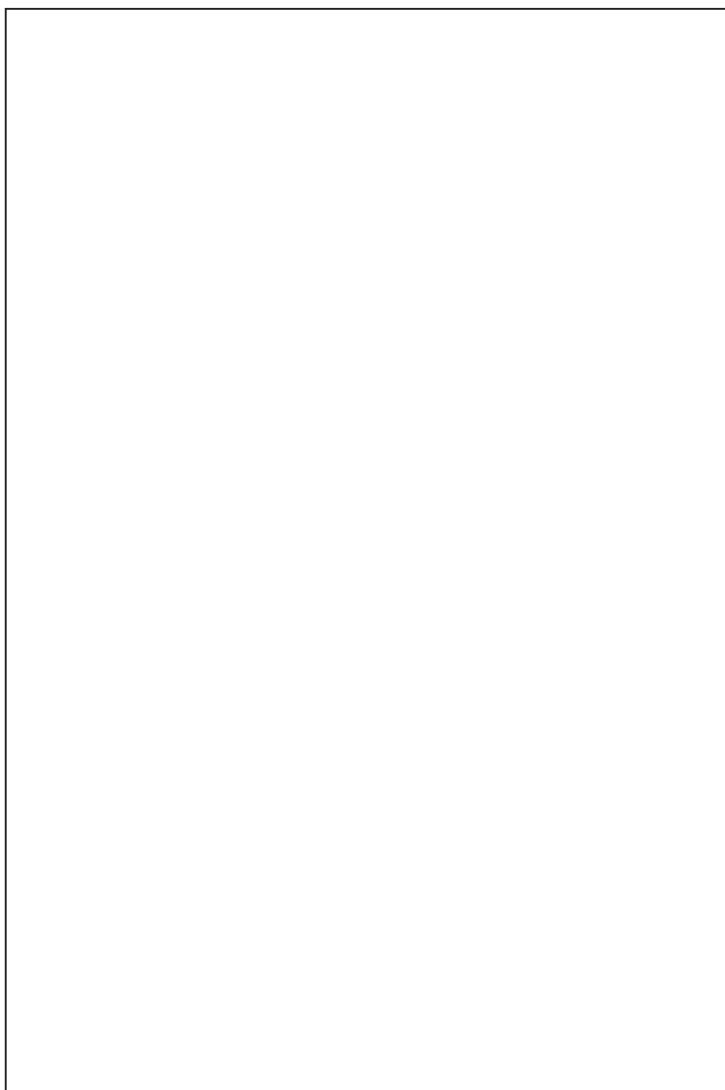
SÍNTESE DO TEXTO

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo

IMAGEM PEDAGÓGICA



CAPÍTULO 2

Ecopedagogia: política e interdisciplinaridade

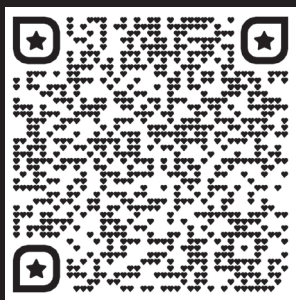
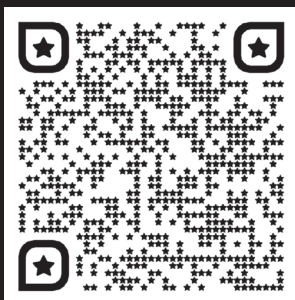
Ivo Dickmann

Aloísio Ruscheinsky



Assista no Youtube

Acesse o Podcast





Ivo – Professor Aloísio, podemos começar contigo falando sobre a sua trajetória de pesquisador, que tal?

Aloísio - A minha trajetória, em relação às questões ambientais, embora eu tivesse algum contato longínquo na minha formação, ela se deu de forma mais efetiva em 1996/1997, quando fui convidado para lecionar uma disciplina chamada Sociologia e Meio Ambiente, no Mestrado em Educação Ambiental, na Universidade Federal do Rio Grande, FURG, na cidade de Rio Grande/RS. Desde então, uma das veias principais da pesquisa e produção intelectual está relacionada à questão ambiental e nesse período de nove anos em que estive naquele Mestrado, me aprofundi especialmente nesta temática.

Ivo - O senhor foi funcionário público da FURG?

Aloísio - Sim, fui dois anos funcionário público da Prefeitura de Santo André em São Paulo, trabalhei como sociólogo no Planejamento Urbano e depois, optei pela desvinculação da função para fazer o doutorado e, logo em seguida, dois anos depois, prestei concurso para a Universidade Federal de Rio Grande. Depois de dez anos na FURG, em 2005, solicitei transferência para a

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos, onde atuo faz 15 anos. No curso de pós-graduação temos a linha de pesquisa chamada meio ambiente e sociedade e diversos temas no campo ambiental, desde Educação Ambiental, conflitos, educação e natureza, sociedade e natureza, desastres ambientais, entre outras temáticas.

Ivo - Você trocou de universidade, mas a temática ambiental dos estudos permaneceu.

Aloísio - Essa foi uma exigência e mesmo programa de pós-graduação na Unisinos tinha muito interesse que tivesse um sociólogo, um cientista social, que se pautasse pelas pesquisas ambientais.

Ivo - Perfeito, muito bem. Professor, como pesquisador da Educação Ambiental, desde 2008 até 2010, no mestrado e depois no doutorado, sempre tive contato com os seus textos, com a sua produção. Em 2016, orientei uma aluna na Unochapecó e fizemos um levantamento de todos os textos que aproximavam Paulo Freire da Educação Ambiental e o primeiro texto que a gente encontrou fazendo esse histórico foi um texto seu², caso eu não esteja enganado, chama-se "Educação Ambiental Freiriana" ou,

² RUSCHEINSKY, Aloisio. Do fundamental de Paulo Freire: educação, cidadania e movimento social. Estudos Leopoldenses, São Leopoldo, v. 3, n.4, p. 39-53, 1999. RUSCHEINSKY, Aloisio; COSTA, Adriane Lobo. A educação ambiental a partir de Paulo Freire. In: Aloísio Ruscheinsky. (Org.). Educação ambiental: abordagens múltiplas. 2ªed. Porto Alegre: Penso, 2012, v. 1, p. 93-115.

algo nessa direção, "Educação Ambiental a partir de Paulo Freire", trata-se do mesmo texto que está neste livro ou não?

Aloísio - Diante da diversidade de textos que eu escrevi, só mesmo buscando no Currículo Lattes, fazer o trabalho de enumerá-los, um após o outro. De Paulo Freire, entre as questões mais importantes, é a tentativa de agendar a questão da água como um veio de tema gerador na educação, ou seja, aquilo que em Paulo Freire fundamenta os processos pedagógicos de aprendizagem dialógica. Progressivamente, passei a compreender, entre essas temáticas fundamentais e orientadoras, a questão da água poderia ser uma dessas dimensões. Enfim, é algo substantivo na vida contemporânea e na mesma condição em que temos largos processos de degradação das águas potáveis, de Norte a Sul do país. Evidentemente, entre outros aspectos, a Ecopedagogia está relacionada a Paulo Freire, mas uma das questões que me animou, eu lembro claramente, em relação aos textos é tornar a água como tema gerador da educação.

Ivo - Perfeito.

Aloísio - Afinal, como respiramos e nos alimentamos, podemos divergir, mas de alguma forma estamos conectados diariamente com esse elemento químico e natural que é a água.

Ivo - Como profissional da Sociologia, além de Paulo Freire, quais são os autores de referência e que teriam embasado a sua produção, as suas leituras?

Aloísio - Bom, poderíamos referenciar autores que tratem das questões ambientais ou da Educação Ambiental e autores que propriamente são da Teoria Sociológica, mas que me permite introduzi-los para abordar as questões ambientais. Então são três dimensões que precisam ser consideradas para não se imaginar que, para tratar do assunto, necessariamente, é preciso referenciar apenas autores da Educação Ambiental. Podemos nos referenciar em autores da Teoria Crítica, no âmbito das Ciências Sociais que, por sua vez, apontam alguns fundamentos, algumas noções, conceitos que traduzo para a leitura da Educação Ambiental como um processo social, tendo em vista as contradições e os conflitos da sociedade contemporânea. Na minha trajetória intelectual, entre outros autores que continuo a prezar, ler e a difundir nas minhas disciplinas, destaco Antonio Gramsci, autor da dimensão marxista, do início do século XX, que discute algumas noções consideradas atuais, tanto no campo das Ciências Sociais, para analisar as desigualdades, a subjetividade, alienação, políticas públicas, Estado e poder, quanto no que diz respeito às diversas conotações e linhas de pesquisa e de ação na Educação Ambiental. Existe um outro autor clássico para pensar os fundamentos chamado Max Weber, cuja contribuição é em relação à questão da ação social, os sujeitos como protagonistas da história. É uma vertente divergente em relação ao Gramsci, mas, de alguma forma, permite reconhecer uma série de questões que dizem respeito ao sujeito na história, como é que se constituem as ações e as relações sociais na história?

As relações sociais como fundamento de constituir protagonistas, e por que não dizer que a dimensão da história, não só no sentido dos condicionamentos a serem analisados, mas, pelo contrário, os sujeitos vistos no seu contexto histórico, seja no ambiente econômico, cultural, ideológico, político, entre outros aspectos.

Ivo - Muito bem. Fique à vontade para continuar.

Aloísio - Em relação a uma abordagem ambiental, há um autor chamado Elmar Altvater, é economista, não muito conhecido. Outro escritor é o francês Michael Löwy, trata do ecossocialismo e no qual sustento parte das minhas abordagens, embora eu não faça, eventualmente, muitas referências a ele. No contexto brasileiro, tenho muito contato com Carlos Frederico Bernardo Loureiro, Michèle Sato, entre muitos outros. Por mais que existam divergências epistemológicas entre esses autores.

Ivo - Há pontos de partida diferentes entre eles.

Aloísio - Existem diferenças epistemológicas, mas alimento-me de fontes epistemológicas distintas, e não me filio exclusivamente a uma apenas. Exatamente por aquilo que ensina Max Weber, quanto mais abrangente é o nosso olhar, maior é a condição de possibilidade para termos uma visão científica sobre a realidade. Isso não significa tentar agregar, colar diferentes abordagens excludentes entre si; é preciso sempre dar-se conta do que é possível somar a partir das diferenças, o que é possível? É preciso delinear

a cada temática o modo de olharmos determinado objeto, isso não está dado. Por exemplo, eu tenho um pouco da fenomenologia, como em Michèle Sato, a qual está relacionada com Peter Berger³ e com outros autores franceses que ela lê. Por sua vez, aqui me refiro a essa dimensão entre o institucional e as dimensões em movimento para serem instituídas. Isto é algo que considero fundamental de forma profunda, como um quesito que diz respeito à análise e abordagem atinente à Educação Ambiental.

Ivo - Muito bem. Eu gostaria de comentar sobre isso. O professor também está nesse grupo de pessoas que vêm, historicamente, produzindo a respeito da Educação Ambiental e, nessa área, no Brasil, temos um conjunto de autores e autoras, inclusive muitas mulheres que vêm produzindo a respeito, mas com abordagens distintas. Recordo-me do evento paranaense de Educação Ambiental, onde encontrei com a professora Martha Tristão. No momento ela conversava com uma colega, também educadora ambiental, e eu comentei da alegria de encontrá-las e que sou leitor dos textos delas. Logo, a professora Martha respondeu, em tom de brincadeira: sim, mas temos abordagens epistemológicas, metodológicas distintas, fique atento a isso. E, claro, óbvio, ao observarmos a produção de Loureiro e a compararmos com o que a Michèle Sato e a professora Martha Tristão produzem é nítida a

³ Obra de referência BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

diferença. Ao mesmo tempo, essas discussões estão na lógica do que chamamos de matriz crítica, com relação à educação e teoria de sociedade, não é mesmo professor?

Aloísio - Sim, inclusive, na segunda edição do livro "Educação Ambiental: múltiplas abordagens", há um texto da Martha Tristão, em coautoria comigo. Tivemos um longo debate sobre as ênfases nessa produção. Não foi um texto escrito a quatro mãos apenas de paz e amor, muito pelo contrário, tivemos embates teóricos das perspectivas que nos animavam. E isso não é uma crítica à coautora, antes, é apenas uma forma de situar no tempo e no espaço o prazer de trabalhar com ela. Estivemos juntos em atividades na Universidade Federal do Espírito Santo e depois construímos o texto desse livro a quatro mãos⁴. De fato, foi um trabalho intenso e um debate denso porque, afinal, eu trazia para a discussão um pouco a compreensão weberiana a respeito do protagonismo dos sujeitos, para dar conta de algumas questões que, por vezes, educadores ambientais imaginam estarem tratando de algo estritamente inovador. Quando leio nas Ciências Sociais que alguém abordou a mesma temática no início do século 20, cabe recuperar uma tradução desta ideia fundamental. Diversas afirmações hodiernas, eventualmente, já se encontravam emboçadas em autores clássicos das Ciências Sociais.

⁴ Trata-se do texto: A educação ambiental na transição paradigmática e os contextos formativos. In: Aloisio Ruscheinsky. (Org.). Educação ambiental: abordagens múltiplas. 2ªed. Porto Alegre: Penso Ed, 2012, p. 289-312.

Nesse sentido, é relevante aos autores na Educação Ambiental, embora nem todos sejam cientistas sociais e ainda bem que não são, conhecer um pouco a trajetória do pensamento humano e das teorias, exatamente para que ao imaginarmos tratar de algo novidadeiro que de fato o seja, e não uma repetição das questões efetivamente já abordadas. Nada contrário a retomarmos e superarmos as ideias dos autores que nos precederam, mas não podemos nos comportar como se efetivamente aquilo que a gente produz seja uma novidade sobre a qual ninguém tratou antes. Isso acontece, com certa frequência, entre os/as mestrandos/as, ao imaginarem discutir um tema nunca abordado anteriormente, como se fosse inédito. Com frequência, sou obrigado a discordar desses autores e suas óticas. Depende muito da ênfase que se dá à temática, mas o objeto, por vezes, tem sido largamente tratado na literatura e o profissional imagina deter algo inédito, que ninguém pensou desse ponto de vista. É importante conhecer a história do pensamento humano para não cairmos nessa tentação de afirmar um ineditismo, quando de fato não é. Mérito de pensar o novo e, nesta questão, temos que pensar em que medida podemos inovar e, profundamente, renovar o pensamento e não somente repetir o que os outros haviam abordado.

Ivo - Isso é verdade, tendo em vista que somos acadêmicos e a academia é um espaço no qual se produz conhecimento, seja em artigos, dissertações, teses e livros. Mas há que se ter cuidado, com orientandos/as mestrandos e doutorandos, conosco e com cole-

gas também, para não nos deixarmos cair nessa armadilha, uma espécie de "o canto da sereia" do ineditismo. Podemos achar que há algo novo depois da leitura de um texto, ou da participação de uma banca, mas quando fazemos uma boa pesquisa no doutor Google, percebemos a existência de 10, 20 textos sobre o tema. O que podemos fazer, talvez, seja mudar a abordagem, encontrar alguma novidade em uma pesquisa a partir de resultados, mas há de se tomar muito cuidado, do ponto de vista acadêmico, para não querer reinventar a roda, não é mesmo professor? O texto em questão o qual nos referimos antes, da professora Martha Tristão, é " As dimensões e os desafios da Educação Ambiental na sociedade do conhecimento". Aliás, temos que convidá-la para participar conosco no canal e fazer um bom debate, admiro muito ela também, leio sempre o que ela produz.

Professor, gostaria de lhe perguntar a respeito de uma questão, também discutida nas diversas conversas realizadas neste nosso espaço. Quando falamos de Educação Ambiental, imaginamos um certo tipo de fazer, de pensar as relações ser humano e mundo na sociedade que vivemos, e quando a gente fala de Ecopedagogia a gente está falando do que? Na sua concepção, tendo em vista os seus estudos e produções sobre o assunto, quais são as aproximações e distanciamentos da Educação Ambiental com a Ecopedagogia?

Aloísio - Às vezes, o nome que se dá é o menos importante. Ecopedagogia, Educação para Sustentabilidade e Educação Am-

biental, embora não possamos simplesmente anular as diferenças, afinal elas são importantes. Eu diria que, uma das dimensões importantes da Ecopedagogia⁵ de se destacar é quanto à dimensão metodológica, a qual concede relevância para as mediações. Todo conhecimento requer mediações, e uma das dimensões que a Ecopedagogia preza é, exatamente, uma análise crítica das mediações que utilizamos e precisamos delas para a construção do conhecimento na sociedade contemporânea; destacando ainda quais são os condicionamentos históricos que, de alguma forma, nos acompanham nessa construção do conhecimento.

Quanto aos autores que você também entrevistou neste canal e escreveram os primeiros textos sobre a Ecopedagogia, produções lidas por mim há algum tempo, é claro, uma das questões críticas em relação a essa abordagem é que, do meu ponto de vista sociológico, existe um acercamento demasiadamente normativo. A educação, por si mesmo, tem uma dimensão normativa importante, mas, as Ciências Sociais, a qual sou filiado, são antes relacionais do que normativas. Quanto às reflexões que esses autores produziram no campo da Ecopedagogia, com muita frequência, elas são demasiadamente normativas enfocando aquilo que deve ser, em con-

⁵ RUSCHEINSKY, Aloisio. Educação Ambiental e Alguns Aportes Metodológicos da Ecopedagogia Para Inovação de Políticas Públicas Urbanas. In: Alexandre de Gusmão Pedrini, Carlos Hiroo Saito. (Org.). Paradigmas Metodológicos em Educação Ambiental. 1ed.Petrópolis: Editora Vozes, 2014, v. 1, p. 47-59. RUSCHEINSKY, Aloisio. As Rimas da Ecopedagogia: Perspectiva Ambientalista e Crítica Social. In: Aloisio Ruscheinsky. (Org.). Educação ambiental: abordagens múltiplas. 2ªed.Porto Alegre: Penso Ed, 2012, v. 1, p. 77-92.

traponto com o que a realidade é efetivamente. Em comparação ao que produzimos a partir de uma perspectiva da Ecopedagogia, a qual possui como um dos seus fundamentos levar em consideração as dimensões sociais e ambientais ao mesmo tempo, bem como o fato de serem inseparáveis. Se vamos fazer uma análise da sociedade sem levar em conta as dimensões ambientais alimentamos a alienação. Ao mesmo tempo, a análise das dimensões ambientais que nos circundam, de alguma forma, requer que olhemos também para as relações sociais que (des)qualificam o ambiental. Ou seja, elas estão inter-relacionadas ou codeterminadas, se é que posso usar esse termo.

A Ecopedagogia também entende que todo ato educativo é um ato ético e político, à semelhança de Paulo Freire. Quando se fala em ato político, uma de suas perspectivas relaciona-se ao olhar que esboçamos em face da natureza, do ambiente, esse sempre é um olhar interesseiro ou olhar interessado. Portanto, existem múltiplos olhares de acordo com o lugar social, com os interesses e utopias que sustentam o olhar. Além disso, diria que a Ecopedagogia é um movimento, mais do que propriamente uma teoria estruturada, construída, consolidada. A natureza própria da Ecopedagogia há de ser concebida como a de um movimento pedagógico, social, um movimento na história, com determinada dinâmica e ainda depende de consolidar o seu estatuto teórico. Mas isso também não é a questão mais importante, o ponto mais importante é o fato

de ser um movimento e, por isso, trata da visão de mundo. Esse é um termo que eu trago deste autor chamado Gramsci, porque nos movemos em uma visão de mundo. Ou seja, as nossas interrogações são: quais são os destaques em nossa visão de mundo? Quais são os elementos constitutivos e prioritários nessa visão do mundo? A Ecopedagogia propõe uma visão de mundo na qual as dimensões ambientais são consideradas fundamentais.

Por vezes, nas aulas de graduação, lecionando sobre questões ambientais, eu faço a pergunta: quais são as necessidades que você considera fundamentais? Faça uma lista de cinco delas. É feito um levantamento e, ordinariamente, as supostas necessidades fundamentais são aquelas ordinárias corriqueiras, do trabalho, moradia, comida, lazer, etc. Raramente aparece o que é o sustento da vida humana, propriamente dito, o que precede as preocupações cotidianas, os elementos da filosofia grega, como o ar, a água, o espaço, a energia. Estes são elementos fundantes e sem eles a vida não existe, nem a vida humana existe, não é verdade? Se pensarmos bem, do ponto de vista da Ecopedagogia, esses elementos são geradores, é claro, além disso, temos outros elementos que sustentam a vida sobre a face da terra no planeta, mas sem esses elementos nós não subsistimos, não resistimos sem beber água todo dia, sem energia solar. E se perguntarmos para as pessoas, qual a principal forma de consumo de energia na sua vida? A maioria delas dirá: é a energia elétrica. Mas a nossa principal fonte de energia é a que

nos advém gratuitamente do sol. Todos os dias consumimos energia solar querendo ou não; se ficarmos sem energia elétrica, embora faça muita falta nos dias de hoje na cidade, podemos sobreviver alguns dias sem energia elétrica, mas sem energia solar não. Isso é para compararmos, às vezes, aquilo que faz parte intrínseca na nossa vida, mas não nos damos conta.

Entre outras dimensões, podemos pensar a reeducação da visão de mundo e do olhar. Afinal, todas as gerações, de alguma forma, são convocadas, a partir da dimensão da Ecopedagogia, para essa reeducação ou para ter uma visão de mundo a partir da Ecologia Integral, com a qual os diversos elementos são vistos pelas suas interfaces. Bem como, para produzir um olhar de mundo, de vida, que seja alternativa à mercantilização de tudo e de todas as coisas, como é próprio do sistema capitalista. Isso sugere introduzir e dar a relevância para o olhar do outro ou o outro no meu próprio olhar. Aliás, um dos meus últimos projetos de pesquisa é exatamente a questão ambiental e a questão do outro, como na abordagem das questões ambientais o outro é de fato alguém a ser considerado? Não só o outro em relação aos indivíduos, mas pensando, por exemplo, o ambiente, a natureza, como o outro com o qual eu possa estabelecer relações assimétricas e posso também pensar em relações dialógicas e horizontais. A sociedade capitalista estabelece relações assimétricas entre os seres humanos e destes com as questões ambientais. Do ponto de vista da Ecopedagogia

há uma tentativa de estabelecer relações dialógicas horizontais, na medida do possível entre os seres humanos e os outros seres vivos, inclusive com os minerais e o planeta integralmente.

Ivo - O planeta como uma dimensão mais abrangente. Ao ouvir os seus comentários, também recordei de um fato relacionado às disciplinas que trabalho na graduação, como Meio Ambiente e Cidadania, Sociedade e Meio Ambiente. Uma vez, na primeira aula de um componente curricular optativo, em uma turma de último período do curso de Pedagogia, no início da aula perguntei: o que é Meio Ambiente? E a resposta majoritária foi: é aquilo que nos cerca, ou seja, uma visão do ser humano como centro e todo o restante é o Meio Ambiente, menos nós. Primeiro que é uma visão antropocêntrica e ao mesmo tempo desconectada, para a qual o ser humano não é parte do que possui ao redor dele, mas apenas usufrui do que está a sua volta no ambiente.

Aloísio - Por isso mesmo que a Ecopedagogia vai privilegiar as interfaces. E, claro, a questão é: que tipo de interfaces os seres humanos estabelecem com aquilo que os cerca? Porque o ser humano é também um elemento integrante da biodiversidade, ele é um entre tantos outros seres. Afinal, existe o movimento permanente e dinâmico das interfaces entre os seres sobre a face da terra, e essa Ecologia Integral é exatamente aquela que vai acentuar essas interfaces. Quais são as interfaces que nós temos na vida? A alienação dos indivíduos, com muita frequência, é exatamente

romper essa compreensão das interfaces dos ou entre os sujeitos como fundamento das relações sociais, dos seres humanos, com as outras dimensões que compõem o que nós chamamos de Meio Ambiente, como se ele fosse um ser estranho aos demais ou, além disso, pensar o Meio Ambiente como algo longínquo e bucólico, muito bonito de ver e de fotografar.

No campo da abordagem socioambiental, primeiramente, cabe uma contextualização histórica ou do tempo e espaço. Isto possibilita apontar questões metodológicas e teóricas, bem como o quanto somos devedores de mediações para a produção do conhecimento. A perspectiva ou a dimensão socioambiental pode ser compreendida sob um olhar crítico a partir da ecopedagogia, com a formalização dos desafios para uma sociedade em que a solidariedade seja um princípio basilar.

Eu gostaria ainda de afirmar que a Ecopedagogia quer romper com certas dicotomias, sobre as quais acabamos de falar, por exemplo, a de homem em contraposição à natureza. Cabe-nos antes pensar a realidade na dimensão paradoxal. Essa relação homem e natureza é de fato paradoxal, como um descompasso entre as palavras e as práticas sociais, ou mudar a natureza do poder humano e o poder da natureza sobre a dimensão humana. Da mesma forma, existe uma dimensão paradoxal quanto ao nexo entre equidade e liberdade, porque quanto mais igual é uma sociedade a tendência é que ela seja menos livre, quanto maior é a expressão da liberdade

a tendência é que a sociedade seja menos equitativa, essa é uma dimensão chamada de paradoxal. Por quê? São dois movimentos associados entre si, mas as direções não são homogêneas, não vão na mesma direção.

Também é de alguma forma um tanto paradoxal todo empenho da tradição humanista em proporcionar melhor qualidade de vida a todos os homens e mulheres e, ao mesmo tempo, dismantelar esta centralidade para enobrecer o cuidado com os bens ambientais. É um ingrediente de contradição permanente que também afeta a proposição da ecopedagogia.

Existe também uma outra questão de dimensão paradoxal relacionada ao que, por vezes, se compreende por harmonia e equilíbrio da natureza, e aquilo que se compreende como mudança e movimento dos ecossistemas. Do ponto de vista das Ciências Sociais, o ecossistema não está em equilíbrio e em harmonia, ou melhor dizendo, ele está em equilíbrio e harmonia, mas também em permanente movimento de mudança, essas duas dimensões são paradoxais. Então, nessa perspectiva, não propomos sempre o retorno ao equilíbrio como se ele fosse estático, pelo contrário, compreendemos em que medida as mudanças e os movimentos criados pelos diversos elementos que constituem os ecossistemas produzem, de modo permanente, equilíbrios e desequilíbrios, e de tal forma que a própria natureza, os elementos que constituem o universo, o planeta, sobrevivam ao longo do tempo.

[illegible]

Outra dicotomia ou outro paradoxo a romper é a relação entre o ser humano, como um sujeito excepcional, e aquilo que não é humano na biodiversidade, inclusive seus vínculos com os elementos não vivos, a água, o ar, o solo, a energia, entre outros. Mais uma dicotomia para ser superada, a partir da Ecopedagogia, é entre percepção e práticas sociais ou ação humana. Leio com certa frequência textos de Educação Ambiental que percebem isso como dicotômico, no entanto vejo como paradoxos, ou seja, são duas dimensões distintas entre si, porém é mais do que conveniente compreendê-las associadas, por mais diferentes que elas sejam. Às vezes também observo textos de Educação Ambiental os quais compreendem que, a partir da análise da legislação ou das normas da área, estejam fazendo uma abordagem daquilo que a Educação Ambiental é de fato, na prática como fenômeno histórico. Isso é um equívoco. É claro que as normas são resultantes das práticas sociais, mas elas não são idênticas às práticas sociais. Está nisso uma distinção tão importante que existe um certo vácuo entre o que são as normas, a legislação ambiental, da Educação Ambiental, e o que são as práticas em curso. Afinal essa distinção entre o normativo e o fenômeno social, ou seja, as práticas cotidianas, permite pensar a inovação. Se as normas fossem idênticas às práticas sociais não haveria espaço para pensar a inovação. É preciso pensar as contradições, as distinções do próprio real, para refletir como as inovações no campo social ou no legal possam emergir.

Outro aspecto dicotômico importante para analisarmos é a relação entre o sujeito da ação e os condicionamentos sociais. Existem certas vertentes de pensamento que vão acentuar os condicionamentos sociais, como a perspectiva estruturalista, esse não é o meu caso, mas também não sou todo voltado para os sujeitos da ação, porque eles sempre se situam no tempo e no espaço, onde os condicionamentos sociais existem. É preciso antes perceber esse movimento paradoxal, ou seja, dois movimentos associados que, por sua vez, constroem um ao outro, mas são inexoravelmente conectados. Com isso, de alguma forma, apontamos paradoxos relevantes para discutir a educação com base na Ecopedagogia. Ou seja, como transformamos as dicotomias em paradoxais ou como pensar uma relação dialética entre as antinomias que a realidade, os fenômenos históricos, nos oferecem.

Ivo - Muito bem, excelente aula professor. Durante a sua fala refleti a respeito da seguinte questão: é possível essa garantia da vida, do ponto de vista mais amplo, porque não se trata apenas de pensarmos em garantir a vida humana, é preciso garantir a vida dos animais, do planeta como um organismo vivo, um ecossistema. Como sociólogo, e que aborda as questões ambientais, enxerga ou não um futuro promissor das questões ambientais no atual sistema social? Refiro-me ao sistema social capitalista, enxerga no capitalismo problemas sérios de garantia da vida a médio e a longo prazo?

Aloísio - Bom, em primeiro lugar, do ponto de vista mais descontraído, nenhum sociólogo faz previsão de futuro. Se bem que o sociólogo mór, Karl Marx, fez uma larga trajetória de previsão do futuro no capitalismo.

Ivo - Exatamente, o nosso grande mestre tentou prever o fim do capitalismo, como isso iria acontecer.

Aloísio - Bom, mas de qualquer forma, nós sempre navegamos com um pé firme na realidade, nas contradições sociais, na dimensão cultural e econômica e o outro pé firme também na dimensão utópica, no sentido de mudar as relações socioambientais nas quais nós vivemos. Acredito que Paulo Freire nos ensinou profundamente essa dupla dimensão, as quais não são idênticas. Não podemos confundi-las como se elas fossem as mesmas coisas. Aquilo que é possível aqui agora, e o que colocamos como possível no futuro da história. Portanto, utopia possui alguns elementos presentes aqui e agora, não é algo fora da história, pelo contrário, é algo que se conecta profundamente com ela, cujos elementos apenas conseguimos vislumbrar de forma tênue, mas serão possíveis de acordo com as decisões que se tomarem na história ou no cotidiano presente dos indivíduos com capacidade de decisão.

Ora, qual o futuro do capitalismo? Nesse sentido sou um pouco adepto ao que afirma Gramsci: ser pessimista no diagnóstico, mas otimista na ação. De um lado, se continuarmos esta pujança do capitalismo, o desenvolvendo econômico, a globalização, o largo

acesso aos recursos naturais de forma voraz, como a que nós estamos vendo nos dias de hoje, o futuro do capitalismo é exatamente a maior degradação, diminuição da biodiversidade e esgotamento de recursos naturais finitos. Mas, por outro lado, o próprio capitalismo é um sistema dinâmico, tanto assim que também os defensores do capitalismo, ao menos alguns deles, os que se prezam e querem a longevidade do sistema, perceberam que os recursos naturais devem ser utilizados de forma relativamente moderada, para o próprio capitalismo subsistir ao longo do tempo.

Ivo - Para poder produzir alguma coisa é necessário que os bens naturais sejam preservados.

Aloísio - A escassez é necessária para produzir mercadorias com valor de mercado. Ao mesmo tempo, essa escassez não pode ser tão grande que impeça a produção capitalista. Vamos fazer um comparativo importante, por exemplo, os direitos sociais que prezamos muito, nós os conhecemos no sistema capitalista, mas, pensando bem, eles são anticapitalistas, ou seja, eles não provêm da gênese e da vocação desse sistema, pois são produtos das ideias socialistas, das ideias que combatiam o próprio capitalismo na sua gênese, na sua vocação originária. Então, o capitalismo foi tão dinâmico que abraçou dimensões que lhes são inversas, incorpora direitos sociais e outros direitos que vão lhe garantir a longevidade. Para não imaginarmos que o sistema capitalista ou os capitalistas, por si mesmos, são sempre contrários à natureza,

contrários aos direitos sociais. É claro que existem idas e vindas, avanços e retrocessos e que muitos, evidentemente, não se dão conta do quão irracionais são. A racionalidade do sistema capitalista também é preservada e, de alguma forma, os recursos para a longevidade, para continuidade da produção abaixo o custo. E se você perguntar para mim, em que sentido sou pessimista quando penso o futuro? Vou lhe dizer que sou pessimista quanto à preservação da mata amazônica, da floresta amazônica, por décadas e décadas. A voracidade do sistema de aumento da produtividade a nível mundial para a produção de alimentos é de tal monta que se não houver alguma inflexão do processo atual, a floresta amazônica, em grande parte, será devastada nas próximas décadas. Se há condições e possibilidades de estancar esse processo? Eu diria que elas existem, mas a vontade política de todos os agentes com capacidade decisória, nesse momento, é relativamente frágil. A ONU com todos os seus apelos é relativamente frágil, os cientistas que alimentam as abordagens da ONU são um tanto frágeis diante do capitalismo voraz e destrutivo. O capitalismo é contraditório, às vezes ele tem mecanismo de proteção e mecanismo para devorar tudo que vem pela frente. É preciso dizer que ele é um sistema extremamente contraditório e heterogêneo. Ou seja, ele tanto leva à destruição e pode, em certas circunstâncias, também nos levar à proteção de alguns recursos. Ao menos nesse em particular, a voracidade de produção de commodities não me deixa ser otimista, a não ser que tenhamos uma guinada históri-

ca, não só no Brasil, mas também em diversos outros governos no mundo afora, que não seja da China, mas, por enquanto, há uma esperança, expectativa, pois a possibilidade existe. O desafio é pensar e engendrar um movimento que vá reverter esse processo, porque ele não está dado, entretanto é possível. Ele está ali na esquina esperando a nossa chegada para realizarmos essas ações de conservação do que é um grande valor da biodiversidade da floresta amazônica. A grande maioria da população, minimamente, se dá conta do imenso valor que representa a floresta amazônica em pé, e não sendo arrasada, tendo em vista que ela integra um território cuja capacidade produtiva é tênue. Estive no Norte do Mato Grosso que é Amazônia legal, no Sul do Pará, visitei alguns lugares de ocupação de 30 anos para cá, outros menos, e constatei essa extrema fragilidade do solo para produzir, nada similar aquilo que nós conhecemos em Santa Catarina, Paraná ou Rio Grande do Sul, São Paulo, os solos férteis, vermelhos e com uma larga camada de húmus. Antes, um solo com uma camada pequena do que podemos chamar de solo fértil, o que é preciso para produzir a longo prazo sem um processo de quimificação da produção naquele espaço. Vejo muita fragilidade nesse sistema de ocupação da Amazônia e não sei o que a Ciência pode produzir ou o que a indústria química pode nos oferecer nas próximas décadas, não sou um adivinho para pensar isso, mas sem isso, com certeza, há perspectiva de produção de um deserto.

Ivo - Perfeito, mas na prática a nossa própria produção intelectual, em torno das questões ambientais perpassa sempre por essa análise social, mesmo nós que não somos da sociologia. Assim como falamos antes, esses grandes nomes da Educação Ambiental brasileira perpassam diversas áreas de formação, não são todos da pedagogia. Lembro-me da fala do Professor Carlos Rodrigues Brandão, antropólogo de formação, ao contar da participação dele em um grupo para debater Educação Ambiental, no qual também colaboravam antropólogos, filósofos, pedagogos, sociólogos, matemáticos, profissionais de todas as áreas, mas eles tinham algo em comum, eram educadores ambientais. Trata-se da constituição de uma identidade quando o intelectual, o professor, na escola ou na universidade, denomina-se educador ou educadora ambiental, é uma questão de construção de identidade, não é mesmo professor?

Aloísio - A experiência que tive no Mestrado em Educação Ambiental na FURG foi exatamente com grupo interdisciplinar, no qual atuavam matemáticos biólogos, oceanólogos, geógrafos, historiadores, ou seja, um conjunto de formações acadêmicas que se entrelaçavam. Mesmo na Unisinos trabalho com biólogos, profissionais da área de Ciências Biológicas, educadores ambientais que investigam a partir da área biológica uma ênfase para a Educação Ambiental. Temos algumas divergências de olhar, mas eles se identificam como biólogos pesquisadores com compromissos sociais e acadêmicos nessa área.

Ivo - Há no Brasil algumas áreas que parecem mais identificadas. Recordo de um texto do Professor Genivaldo Dias, no qual ele menciona que a Geografia, e as Ciências Biológicas na escola parecem estar mais aptas a discutir esses temas, ou os professores dessas disciplinas parecem carregar a responsabilidade de que devem ser eles os educadores ambientais. Mas na prática, como estamos constatando, necessariamente não é assim. Nos cursos de pós-graduação e, claro, a FURG possui a única específica sobre a temática, mas outras abordagens sobre o desenvolvimento, sociologia e educação têm colocado as questões ambientais como temática de pesquisa.

Aloísio - Desenvolvi projeto internacional com a Universidade de Madrid e também no Brasil com alguns pesquisadores da USP em São Carlos, da Univali em Itajaí, da Universidade de Brusque, a respeito da ambientalização do ensino superior. A questão central da pesquisa que tenho realizado, mesmo com outros pesquisadores brasileiros, é conhecer como os temas ambientais permeiam o ensino da graduação. Trata-se de uma realidade heterogênea na qual há muito das circunstâncias locais. Depende de como os profissionais atinentes à área abordam a temática na graduação e se o trabalho responde à ótica da biodiversidade e das questões ambientais. Por vezes, há um curso de Direito em que a dimensão ambiental possui grande espaço, mas existem outros em que a dimensão ambiental encontra-se inexistente. Assim como

existem cursos de Pedagogia nos quais a questão ambiental é zero e, em outros, há largo espaço para a discussão ambiental dentro da ação pedagógica e, assim, sucessivamente. Embora tenham alguns cursos que possuem como objeto a questão ambiental, como por exemplo, Engenharia Ambiental, Gestão Ambiental, mas na lógica específica. Eu diria que na universidade as áreas de conhecimento adotam a perspectiva ambiental de acordo com os profissionais que atuam no campo, no respectivo curso de graduação, irá depender muito dos profissionais que estão à frente do processo na academia.

Ivo - Isso é verdade. Fizemos um levantamento, aqui na Unochapecó onde eu trabalho, nos anos de 2015 a 2017, e analisamos os Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos. Em Ciências Biológicas constatamos a ênfase nas questões da Sustentabilidade Ambiental, possui realmente vigorosa abordagem dessa temática e os professores da instituição têm aproximação com o assunto. Dia desses participei de uma banca na FURG e percebi que o curso de Pedagogia dessa instituição abarca muitas questões ambientais. Algo interessante a ser observado é que muitos dos professores do Mestrado em Educação Ambiental trabalham no curso de Pedagogia da FURG. Isso reafirma a importância da ambientalização atrelada ao modo que os professores trabalham e se identificam ou não como educadores ambientais. Essa dinâmica independe do curso, por exemplo, pode ser que em Direito tenha uma dis-

ciplina de Direito Ambiental, mas outros professores também se preocupem com a questão, o mesmo pode ocorrer em Pedagogia, Ciências Biológicas, sem dúvida.

Aloísio - Como há cursos de administração ou de contabilidade com disciplinas preocupadas com a questão ambiental. Existe uma área chamada Contabilidade Ambiental que possui como uma das prioridades fazer uma contabilidade dos processos produtivos ou empresariais para entender como essas questões ambientais contribuem e influenciam os processos levando em conta as externalidades.

Ivo - Perfeito.

Aloísio - Usualmente os processos produtivos são compreendidos pelas externalidades das questões ambientais, como se o passivo ambiental produzido não fosse um dos resultados do processo produtivo.

Ivo - Muito bem professor, estamos com mais de 50 minutos de live. Agradeço a sua disponibilidade para participar conosco. No futuro, podemos voltar a conversar sobre a questão da água. Conheço o seu domínio na área, inclusive com orientação de tese. Participei de uma banca da sua orientanda, podemos também chamá-la para o debate. O tema é muito pertinente, há sinalizações para discutirmos a Pedagogia das Águas; compreendo esse um assunto gerador para novas conversas. Agradeço-lhe muito.

Tenho certeza de que as pessoas que nos assistem e que estão nos ouvindo no podcast aprenderam muito contigo. Quero continuar estudando a Ecopedagogia, por isso mesmo faço esse movimento das entrevistas neste canal, para que tenhamos os fundamentos, o histórico, conheçamos quais são as tematizações mais importantes. Esse movimento pretende facilitar o caminho para novos estudos no campo da Ecopedagogia. Gostaria que o senhor se despedisse da nossa audiência, mas fica o convite para um próximo momento.

Aloísio - Muito obrigado pela oportunidade. Um grande abraço a todos que nos assistem ou forem assistir. Espero que façam proveito e possamos trocar outras ideias, avançar para além do que foi minha exposição neste momento.

Ivo - Muito bem. Reforço o convite aos nossos ouvintes para visitarem o currículo Lattes do professor. Assim poderão conhecer mais os textos, os artigos e livros produzidos. Deixarei no podcast e no vídeo o link para o livro: "Educação Ambiental: abordagens múltiplas". Obra referenciada por mim em todos os espaços porque foi essencial e muito auxiliou o início dos meus estudos em Educação Ambiental, especialmente o texto a respeito de Paulo Freire.

Aloísio - Na oportunidade quero dizer ainda que tenho publicado em torno de dez livros, coletâneas entre outras produções, e o único livro que teve sucesso editorial é esse que você mencionou. Ele possui duas edições, no entanto, a segunda é diferente, foi ampliada com vários capítulos em relação à primeira. Nenhum livro

que eu tenha participado teve mais de uma edição e muito menos conseguiu se manter por 20 anos sendo vendido e consumido.

Ivo - Esta versão é de 2002, passaram-se 18 anos até o momento. Agora ele possui capa nova, ficou mais bonita. O link que eu repassei é o da segunda edição, exatamente porque é ampliada, possui mais textos. Indico essa obra para toda a comunidade acadêmica. Professor Aloísio, muito obrigado, meu reconhecimento, meu abraço e que possamos nos encontrar outras vezes aqui no canal.

Aloísio - Grande abraço.

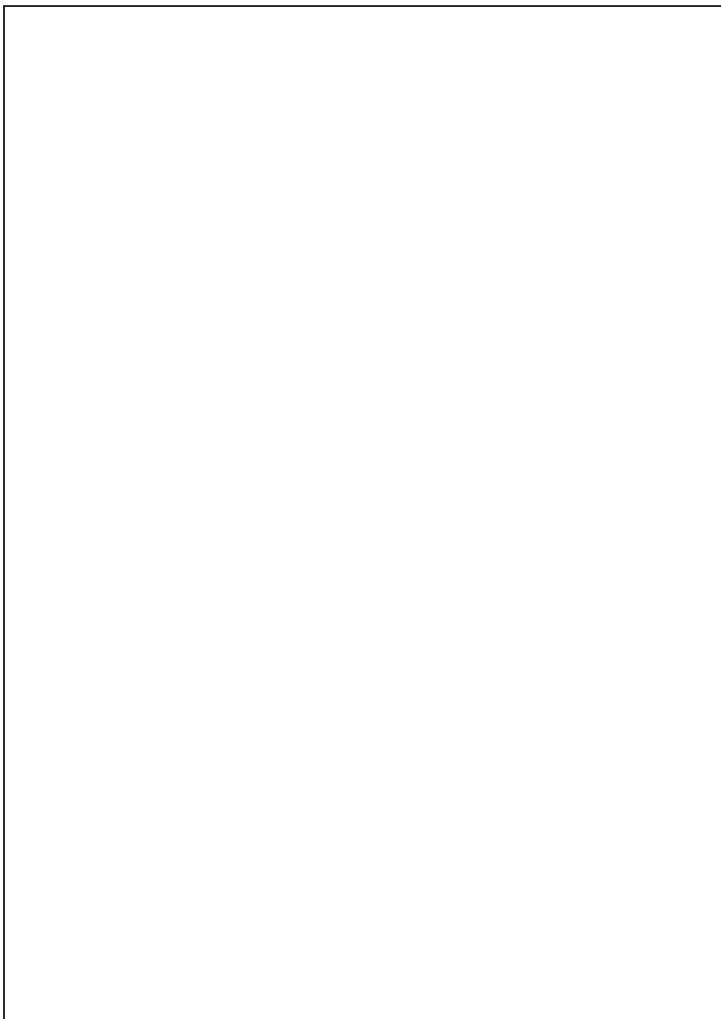
SÍNTESE DO TEXTO

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo

IMAGEM PEDAGÓGICA



CAPÍTULO 3

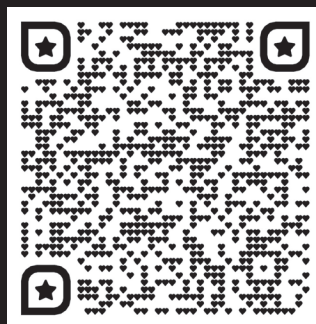
Ecopedagogia: dimensões e contribuições

Ivo Dickmann
Jason Ferreira Mafra



Assista no Youtube

Acesse o Podcast





Ivo - Meu amigo, quem melhor para contar a tua história em uma página ou duas do que você mesmo, sobre o seu vínculo com a Ecopedagogia?

Jason – Sou mineiro, criado no interior de São Paulo e na capital paulista, onde moro desde 1989. Graduei-me em História, em Lorena, na Unisal, onde tive a minha primeira experiência com educação de crianças em situação de rua, naquela cidade. Ao me formar, vim para São Paulo e iniciei a minha carreira como professor de História na Rede Estadual Paulista e na Rede Municipal de São Paulo, permanecendo como docente nessa disciplina por dezessete anos. Em 1998, iniciei o mestrado na Universidade de São Paulo (USP), sobre a temática “campo editorial e ditadura militar no Brasil”. Após o mestrado, cursei o doutorado, ainda na USP, pesquisando a dimensão conectiva da antropologia de Paulo Freire. Ainda no mestrado, concomitantemente à atividade docente como professor de História, em 1999, ingressei como pesquisador e formador pedagógico no Instituto Paulo Freire (IPF), onde permaneci por 11 anos. Em 2010, iniciei minhas atividades docentes e de orientação no mestrado e no doutorado na Universidade Nove de Julho (Uninove), onde permaneço como pesqui-

sador e orientador, além de coordenar o Programa de Pós-Graduação Profissional Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE).

O meu vínculo com a temática ecopedagógica tem origem ainda no mestrado. Embora não estivesse pesquisando nada sobre Paulo Freire, recordo-me que cursei uma disciplina com Moacir Gadotti (que seria o meu futuro orientador no doutorado), a respeito do pensamento do nosso maior educador. E, naquele momento, Gadotti, ao tratar das questões freirianas, estava começando essa discussão da Ecopedagogia, no contexto em que ainda nem tinha sido publicado o livro clássico "Ecopedagogia e Cidadania Planetária", de Francisco Gutiérrez e Cruz Prado.

Frequentei a disciplina com ele em 1998 e o livro foi publicado em 1999. Recordo ainda que o Gadotti distribuiu os seminários sobre a temática educação e questões ambientais entre os pós-graduandos e eu fiquei responsável para falar exatamente do tema Planetaridade, que veio a ser um dos assuntos tratados depois no livro do Gutiérrez e Prado. Esse foi o meu início do diálogo em torno da discussão ecopedagógica.

Curioso Ivo, há pouco realizei uma pesquisa sobre o conceito de Ecopedagogia e percebi que na atualidade ele está traduzido para inúmeros idiomas. Mas, relembro com bastante precisão, quando fiz esse trabalho, eu procurei na internet por Ecopedagogia (eu já utilizava a rede naquele momento porque ela estava no Brasil há dois anos) e percebi que esse termo não existia em idioma algum

e o Gadotti estava ajudando na tradução desse livro que seria publicado um ano depois. Em outros termos, eu pude testemunhar a origem e a disseminação da Ecopedagogia.

Ivo - Olha só! Isso em 1998?

Jason - Em 1998 esse termo não existia nem no espanhol nem no português. Quer dizer, ninguém havia feito essa discussão. Curiosamente, olhei na Wikipédia faz pouco tempo e agora há o termo, Ecopedagogia. As pessoas escreveram um texto sobre isso, aliás está muito bem escrito, mas acho que é uma produção com um certo equívoco porque não dá centralidade a esse conceito, não mostra a origem dele, a partir dos escritos de Gutiérrez e Cruz Prado. Mas, a potência do conceito fez com que muita gente passasse a escrever sobre o assunto, inclusive o Gadotti. O segundo livro sobre o tema foi exatamente "Pedagogia da Terra", de Moacir Gadotti.

Jason - E o Gadotti escreveu sobre essa questão no ano 2000. Então, penso que precisamos recuperar essa história e dizer com bastante evidência que, claro, é bom que o termo tenha sido criado, mas o elemento fundador desse conceito foi o livro "Ecopedagogia e Cidadania Planetária". Graças ao valoroso trabalho de Francisco Gutiérrez e Cruz Prado. Prado que, aliás, acabou de ser entrevistada também por você. Sou testemunha ocular e perguntava quanto à inexistência do termo? Ele parece ser tão óbvio na

educação, mas fui surpreendido, então me envolvi nessa discussão. Logo em seguida, durante a disciplina no mestrado, o Gadotti fez aquele convite para eu fazer parte da cátedra Paulo Freire do Instituto. Daí, então, passei a trabalhar, a frequentar o espaço com os estudos, a trabalhar alguns dias por semana na instituição, que fica aqui no alto da Lapa, engajando-me, aos poucos nesse tema. Ao mesmo tempo, o Gadotti envolveu-me num importantíssimo encontro sobre educação e sustentabilidade, ocorrido no Seminário Salesiano Pio XI, em São Paulo. O evento, ocorrido em 1999, chamou-se "I Encontro da Carta da Terra na perspectiva da Educação". Esse evento foi muito marcante, tanto para a Ecopedagogia, quanto para a "Carta da Terra". Para mim, são dois movimentos paralelos que se encontram em seus horizontes comuns.

Ivo - Inclusive, a Cruz Prado reforçou, na entrevista que ela concedeu dias atrás neste canal, que a Ecopedagogia é tributária do processo de construção da "Carta da Terra". Esses movimentos nasceram juntos, a Carta foi produzida primeiro, se é que podemos dizer assim.

Jason – Isso, perfeito. Esse encontro foi financiado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, UNESCO. O Instituto Paulo Freire (IPF) ficou encarregado de organizar o evento. Tivemos apresentações de pessoas de aproximadamente 25 países. Lembro-me que o Francisco Gutiérrez participou daquele encontro e foi quando ele lançou o livro "Ecopedago-

gia e Cidadania Planetária". Na ocasião, pude conhecer a ele, a Cruz Prado e também o filho deles, que faleceu há alguns anos.

Então, nós começamos essa discussão no interior do Instituto Paulo Freire, como uma das temáticas centrais de nossas formações. Francisco Gutiérrez é um dos fundadores do Instituto Paulo Freire. Esse movimento pela Ecopedagogia começou no Instituto. De forma breve, o meu envolvimento com a temática ocorreu nesse âmbito.

Ivo - E como foi para você, filho do Instituto Paulo Freire, ir para a pós-graduação na Uninove?

Jason - Fiz o doutorado com Gadotti, terminei os estudos em 2007 e fiquei mais três anos no Instituto Paulo Freire, permanecendo mais de uma década na instituição. Depois disso, fiz o concurso para docência na pós-graduação da Uninove, obtive a aprovação e fui chamado em 2010 para o mestrado e doutorado acadêmico. Logo em seguida, recebi o convite da universidade para criar um mestrado profissional, junto ao professor Romão que coordena o programa acadêmico e foi o seu supervisor no pós-doutorado. Nós organizamos esse curso e passei a trabalhar nos dois programas, coordeno o programa do mestrado profissional em Educação que, aliás, possui boa inserção no Brasil, estamos com avaliação muito boa e esperamos ter um doutorado também daqui a algum tempo.

Ivo - O mestrado, especialmente esse que você trabalha, tem o pé na escola e isso é muito bacana.

Jason - Sim, trabalhamos com a temática da Educação Básica. A área de concentração do mestrado é Gestão e Práticas Educacionais da Educação Básica. Então, o nosso foco é mesmo a escola.

Ivo - Que legal.

Jason - Trabalhamos com três linhas de pesquisa no programa, propriamente a Gestão Escolar, Metodologias da Aprendizagem e Educação Infantil.

Ivo - Legal! Vamos para o tema da Ecopedagogia, embora já estejamos falando do assunto. Na sua tese, ao abordar o tema da conectividade, poderíamos também falar como ele está ligado à dimensão ecopedagógica. Mas, lá no Instituto, quando você trabalhou com essa questão, quais eram as suas ações? Quais ações do trabalho com a Ecopedagogia você lembra? Como o Instituto Paulo Freire do Brasil assumiu esse tema, a partir dessa relação, desse diálogo do Gutiérrez com o Freire? Você trabalhou com o Freire, ele ainda estava na instituição ou não?

Jason - Não, quando comecei os contatos com o Instituto, fazia um ano do falecimento dele.

Ivo - Pensei que você tivesse trabalhado com Freire.

Jason - Não, conheci o Paulo Freire por conferências, mas não tive contato com ele e posso dizer que sou da segunda geração do Instituto.

Falarei sobre isso sim, mas, em primeiro lugar, gostaria de re-iterar o que lhe apontei informalmente e ressaltar a importância da criação deste canal para fazer uma discussão de ponta a respeito da educação; enfim, pensar a educação com essa reflexão crítica que você tem feito com o seu trabalho de pesquisa, de estudo e de orientação. Não se trata de recuperar o termo porque entendo que esse conceito não foi perdido, mas é hora de retomar a discussão da Ecopedagogia. Nunca foi tão premente esse diálogo. Ivo, você que fez um trabalho de doutorado nessa linha, tem a grande missão de, talvez, nos conduzir para essa grande discussão, o que o levaria ao trabalho de pesquisa e orientação para uma vida inteira.

Quando Gutiérrez trouxe essa discussão, há tanto tempo, ela já era muito importante e alguém pode dizer: “mas essa discussão foi sempre muito importante na história da educação”. Não é verdade. Todos os temas têm uma presença contextual. Paulo Freire usava uma expressão chamada “tema epocal”. Para ele, de tempos em tempos, há determinados conceitos que ganham notoriedade na história. Por exemplo, falar de Ecologia para grupos indígenas, para os nativos ou para os povos originários é redundante porque eles são eminentemente ecológicos. Mas, em âmbito planetário, isso é diferente. O mundo passou a se deparar, no que diz respeito à problemática ecológica, com a introdução da Revolução Industrial. Mesmo assim, embora o tema já viesse naturalmente para a nossa realidade, ele apenas se tornou um problema de discus-

são social dos anos 60 em diante. Até então, nenhum pensamento teórico tinha se preocupado com isso, a exemplo do socialismo e, claro, muito menos o capitalismo, sequer os métodos de análise, como o marxista. O tema ganha visibilidade nos anos 60 e nos anos 90. Diante do quadro assustador do planeta, ele ganha centralidade. Por isso Leonardo Boff escreve "Ecologia: grito da terra, grito dos pobres". Inclusive, ele foi questionado sobre isso. Alguns perguntavam se ele tinha largado a discussão teológica dos oprimidos, ao que Boff responde, não. Para ele, a lógica que gera a opressão humana é a mesma que oprime o planeta, nosso primeiro lugar, aliás o nosso único lugar, disso não podemos esquecer.

Veja, pensando agora no caso do Brasil, eu não gostaria de entrar na discussão, na classificação desse governo bolsonarista, porque todo o adjetivo que encontrarmos não dará conta desse surrealismo que estamos vivendo, do ponto de vista da tragédia política do nosso país. Pra mim, não vivemos um período político, vivemos uma tragédia política. E quando você olha para essa temática, logo pensa primeiro nas questões, evidentemente, sociais, ambientais, conquistas que levamos duas ou até três décadas para realizar e elas estão sendo dilapidadas, destruídas, da noite para o dia. Não acredito que tudo será destruído, penso que alguns processos não serão, sobretudo aqueles no âmbito da consciência. Por exemplo, tivemos nesses últimos 30 anos um movimento muito forte de incentivo aos movimentos sociais e, principalmente, das questões

étnico-raciais. Hoje, nós criamos uma geração de crianças negras, meninos e meninas que aos cinco já estão anos nas ruas com o seu black power. E isso não é apenas um símbolo, mostra que é uma cultura geracional sendo criada e que resiste a esse tipo de destruição. Os movimentos estão fortes nesse sentido, mas outras conquistas são destruídas o tempo inteiro.

Ivo - Verdade.

Jason - Estamos enfrentando grande miséria e violência no país. Isso tudo está voltado a grande ameaça à democracia. Falar em Ecopedagogia é falar na defesa da democracia o tempo inteiro. No entanto, o país está nesse protagonismo mundial de uma Ecopedagogia porque ganhou notoriedade desde os anos 90. A Eco-92, realizada aqui no Brasil, não aconteceu à toa. Ela foi muito importante para incentivar essa discussão que cresceu de modo expressivo no Brasil e, em grande medida, superou em diversos aspectos o debate na Europa e nos EUA. Acompanhamos o Brasil deixar de lado um forte discurso Ecológico, para assumir um discurso antiecológico. O que está acontecendo? Desmatamento acelerado, por meio das queimadas dos pastos, dos garimpos. Ampliação do agrotóxico no agronegócio, temos uma estatística que, diariamente, mostra quantos novos produtos de veneno são liberados para a indústria agrária.

Essas são questões muito pesadas, além do aumento das queimadas nos pastos, dos garimpos, enfim, da hostilidade nas terras

indígenas e não é somente o enfrentamento com essa população, há tentativas de destruir uma conquista de 1988, uma luta antiga e que se consolida na Constituição Federal de 88. Mais do que isso, instaura-se, promove-se, novamente, um movimento intencionalmente combatido por nós, há décadas, desde os anos 80, como a aculturação dos povos autênticos do nosso país, sobretudo, a aculturação religiosa, o que é muito diferente do diálogo com essas populações.

Entendo que há uma prática do governo (de Bolsonaro) voltada a abrir espaço e colocar igrejas nesses territórios, principalmente igrejas pentecostais para poder assediar essas populações. Enfim, hoje, por exemplo, enquanto nós conversamos aqui no canal, a imprensa divulgou que o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), principal Instituto que monitora o ambiente no Brasil, demitiu a coordenadora dessa área, responsável por cuidar exatamente da observação das terras (indígenas ou não) e do monitoramento da Amazônia. No Inpe, existe uma administração interna com certa estrutura de governos anteriores, com técnicos especializados e comprometidos com os verdadeiros dados, e uma administração paralela. Quer dizer, que país é esse e que momento é esse que estamos vivendo? O Ministério do Meio Ambiente é o ministério do quê? Do que podemos chamá-lo?

Ivo - Não tem nome. O nominar a postura de um ministro, permita-me Jason, um parênteses, não só o do Meio Ambiente,

This image shows a full page of handwriting practice paper. It features multiple sets of horizontal lines designed to guide letter formation. Each set consists of three lines: a solid top line, a dashed middle line, and a solid bottom line. These sets are repeated vertically down the entire page, providing ample space for practicing letter height and placement. The paper is otherwise blank, with no margins or additional markings.

não só o da Educação, mas sem entrar em detalhes podemos considerar Ministério por Ministério e, realmente, quando o pessoal fala em desgoverno parece apenas um trocadilho, mas é muito mais do que isso.

Jason - Sim, é um governo, não é um desgoverno, é um governo que funciona com base em determinado propósito. Por mais absurdas que possam parecer as declarações, as atitudes, as ações estão coerentes com o projeto da ultradireita e se coaduna com aquilo que vínhamos combatendo durante anos. Ou seja, é o sistema mais predatório construído pela humanidade que é o do capital e isso é gravíssimo. Sou otimista, apenas como Paulo Freire dizia, esperançoso ontologicamente, mas ao se fazer uma leitura da história da humanidade... você é da história também Ivo?

Ivo - Sou da filosofia, meu irmão é da história, ele é historiador.

Jason - ... mas, quando estudamos a historiografia e fazemos a comparação das perspectivas históricas, vemos que, diferente do positivismo, que apresenta a história como algo linear, de processo evolutivo e civilizatório, no âmago, a história se apresenta mais à imagem de uma espiral que, às vezes, pode estar em uma certa posição para subir e depois descer, quer dizer, nem sempre a história é progressiva.

Em um balanço geral, penso que a presença humana no planeta tem conseguido produzir grandes catástrofes, mas também

grandes críticas a esses movimentos, e até de superação em determinadas situações. Por exemplo, bem ou mal, não podemos negar que essa democracia, instituída de 200 anos para cá, que é insuficiente, constituiu um processo de cidadania. Inclusive a própria Cruz Prado tem feito essa discussão mais crítica - depois talvez possamos falar sobre isso porque considere bem interessante a abordagem dela - mas, a título de exemplo, nós varremos do planeta o sistema escravista, mesmo que ainda hoje tenhamos trabalhos análogos à escravidão.

Isso é uma superação. Mas agora está muito distante, evidentemente, de se fazer justiça na sociedade humana. Aliás, eu estava conversando com a minha esposa sobre este programa que iríamos fazer e refleti a respeito do seguinte aspecto. Falamos tanto de humanismo, mas esse conceito é também complicado. O processo de humanização no planeta é um processo horroroso em muitos sentidos. Qual é a busca que devemos fazer? Talvez, devêssemos nos abrir para o diálogo com os povos ancestrais, porque eles têm uma outra visão que não é a compreensão antropocêntrica do mundo, não é a concepção humanista do mundo, eles têm outro modo de pensar.

Enfim, voltando à questão do Instituto é importante dizer que ele cria, internamente, essa discussão para promover o movimento da Ecopedagogia e da Cidadania Planetária. Assim, leva o debate a fóruns, por exemplo, para o Fórum Social Mundial, Fórum Mun-

dial de Educação, o qual o Instituto ajudou a criar. Internamente, naquele início dos anos 2000, o IPF criou um departamento chamado “Ecopedagogia e Cidadania Planetária”. Tínhamos inclusive a Casa da Cidadania Planetária, exatamente como espaço para projetos e ações nessa perspectiva. O Instituto contribuiu grandemente e se destaca além dos seus escritos, porque não é apenas o livro “Pedagogia da Terra”, do Moacir Gadotti. A instituição é uma das protagonistas também da “Carta da Terra”. O documento foi finalmente concluído e publicado, se não me engano em 2004. O Instituto não só promoveu o encontro em 1999, como continuou com a discussão envolvendo Leonardo Boff, participando dos encontros que a “Carta da Terra” promoveu, inclusive fora do Brasil, na Europa, na Ásia, na América Latina em geral, na Costa Rica, onde era a sede e ainda é a sede da discussão da “Carta da Terra”. Aliás, recordo-me, inclusive, de ter participado, talvez, do primeiro esboço desse documento, sistematizando as ideias dos colóquios que fizemos no Encontro da Carta da Terra, em 1999.

Felizmente esse documento evoluiu muito. De certa maneira é o código ético do Planeta. O mérito dele não é apenas o de ter envolvido pessoas geniais como Leonardo Boff, o pessoal da Costa Rica e pessoas de vários outros lugares, mas de ter sistematizado um conjunto de princípios. De certa maneira, é o primeiro documento a fazer isso, porque a Organização das Nações Unidas

(ONU), ao proclamar os “Direitos da pessoa humana”, em 1948, não se ocupou dessa discussão. Um documento que, de 1992 a 2002, por mais de uma década, fez essa discussão com vários povos do mundo. Claro, sempre haverá grupos que não participam, mas foi uma discussão muito ampliada.

Existe uma questão que eu gosto e aprendi no Instituto que é a de levar muito a sério aquela mensagem de Paulo Freire, quando lhe propuseram criar a instituição com seu nome. Gadotti levou a proposta até ele e obteve a seguinte resposta: “se vocês quiserem criar um instituto não o façam apenas para reproduzir as minhas ideias, mas para reinventá-las”.

Com relação a essa ideia de reinvenção do legado de Paulo Freire que, às vezes, vai até contra alguns estudiosos freirianos, alguns puristas, busco usar essa expressão sem preconceito. Algumas pessoas acham que reinventar o Paulo Freire pode vulgarizar o seu pensamento. Existe o perigo disso acontecer, mas sempre corremos riscos... então, acredito que o Instituto tomou isso como princípio importante. E posso exemplificar. Todos os projetos do Instituto passaram a considerar essa discussão ecopedagógica. Assessoramos Secretarias de Educação de Estado de governo, projetos do Governo Federal e de vários municípios de São Paulo e, quando se falava na organização dos projetos pedagógicos das secretarias ou das escolas, trabalho na base, não discutíamos apenas um Projeto Político-Pedagógico (PPP), mas um Projeto

Eco-Político-Pedagógico (PEPP). Não se trata mais do PPP, mas passamos a discutir o PEPP.

Por quê? Porque estávamos convencidos, e continuo convencido, de que não é possível mais, em instância alguma, pensar em uma educação emancipadora e crítica, não é possível fazê-la, sem a introdução do elemento "eco", do conceito de *oikos*, por que? Por uma razão histórica. E qual é essa razão? É o simples fato de que o ser humano produziu uma situação sem volta, o que significa a possibilidade de autodestruição. Não é isso?

Ivo - Sim. Perfeito.

Jason - Com a introdução da era atômica, nós criamos a possibilidade da autodestruição. Não afirmamos que isso vai acontecer, mas como possibilidade ela está colocada pela primeira vez na história. Então, qual é o grande desafio? Ora, no futuro, e esse futuro para mim já está muito próximo, nós seremos ecopedagógicos, pelo bem ou pelo mal, entende? Pelo bem, se tomarmos consciência desde agora e mudarmos os processos; pelo mal, porque teremos de criar a ciência e todo tipo de ação para consertar o que foi destruído, para garantir a possibilidade de vida novamente.

Acredito que o Instituto é uma referência também nessa direção e vejo o trabalho iniciado por Francisco Gutiérrez e Cruz Prado, fundamental. Aliás, não vi com detalhes toda a sua entrevista com a Cruz Prado, porque não pude parar fixamente para ouvi-la.

Mas o diálogo estava muito bonito e, certamente, ela deve ter retomado a ideia de que o livro surgiu com uma discussão de Paulo Freire com Gutiérrez, um ou dois anos antes da morte de Freire.

Eles se encontraram, parece-me que no México ou na Costa Rica, e combinaram fazer uma discussão que pudesse ter consistência teórica também entre Educação e Ecologia e não simplesmente a ideia da Educação Ambiental, a qual possui uma história importante para ser pensada, recuperada, mas, trazer exatamente essa discussão, por meio de uma obra de referência no campo de intersecção da pedagogia com a ecologia. Penso que o Gutiérrez e a Cruz Prado cumpriram com esmero esse start. Essa ideia frutificou, vi anos depois esse conceito de Ecopedagogia em vários documentos, dentro e fora do Brasil. Serei supersincero, o Gutiérrez e a Cruz Prado têm uma trajetória muito interessante e importante na educação mundial, mas se eles tivessem feito apenas esse trabalho já teriam cumprido uma grande missão que é preciso prosseguir.

Ivo - Hoje eu entendo melhor o que o professor Romão dizia para mim no pós-doutorado, dois anos atrás, quando ele insistia comigo em relação ao fato de ter apenas um livro, uma obra sobre Ecopedagogia, e apontava a necessidade de se produzir, de avançar para além da educação ambiental. Eu ouvia atento e procurava assimilar as colocações dele. Agora, quando criei o canal, revisei a obra e tive o prazer de conversar com a Cruz Prado, o que nunca

passou pela minha cabeça, então compreendi melhor algo que talvez estivesse posto anteriormente na fala do professor Romão, ou seja, continuar pensando, refletindo, sobre a Ecopedagogia, suas práticas, suas teorias, ou como diz a Cruz, em relação à epistemologia que fundamenta a Ecopedagogia. Assim como você comentou, quando colocamos a Ecopedagogia no google, são pouquíssimos trabalhos, livros. Fiz um teste na Amazon e são três ou quatro produções. Um deles é na área do direito e deve estar em outra perspectiva, embora não o tenha lido e, desse modo, não possa criticá-lo, talvez parta de certa confusão entre Ecopedagogia e Educação Ambiental, como mencionado pelo professor Romão. Na entrevista, a Cruz Prado comenta que nos anos 90, quando se falava em Educação Ambiental, tinha-se um conjunto de práticas envolvidas na área, mas poderia ser de uma empresa, de um projeto de fachada ou de um projeto na escola, ou seja, considerava-se tudo educação ambiental e faltava criticidade.

Hoje, 30 anos depois, quando penso em Educação Ambiental e olho para os educadores e educadoras ambientais do Brasil, percebo identidade entre a Ecopedagogia e a Educação Ambiental crítica, porém como diz o texto da Lucie Sauvè, de 2005, existem quase 30 tipos de Educação Ambiental, mas de Ecopedagogia existe apenas uma. Você acha que faz sentido dizer isso Jason?

Jason - Sim, você estava falando exatamente que se deparou novamente com essa discussão, por exemplo, com o Romão, depois disso cortou um pouco a sua fala.

Ivo - Está bem. O que eu queria dizer é o seguinte, percebo hoje na fala do Romão, ao insistir comigo para fazer aproximações e distanciamentos, entre Educação Ambiental e a Ecopedagogia, acredito que ele sabia, em 2017, o que hoje estou começando a compreender e a Cruz Prado reforçou para mim no diálogo da semana passada, de que existia nos anos 1990 e no início de 2000, por isso que o prefácio dele no livro "Pedagogia da Terra" do Gadotti é elucidativo também, um conjunto de reflexões sobre Educação Ambiental, mas era um conjunto tão disperso de ações e a professora Lucie Sauvé organiza, se não me engano mais de 20 tipos de Educação Ambiental, da crítica até a mais conservadora, e não se pode falar, por exemplo, de Ecopedagogia conservadora.

A Ecopedagogia é somente uma, é a Pedagogia crítica freiriana que Gutiérrez e Cruz Prado elaboraram a partir da "Carta da Terra", enquanto que se pode fazer a Educação Ambiental sem levar em consideração esse documento.

Jason - Penso que isso está relacionado ao fato de que a nossa geração - de uma certa maneira quem nasceu ainda nos anos 1960 e 1970 - que cresceu com essa discussão do pensamento crítico e tudo mais, veio incorporar o debate ambiental mais tarde. Parecia que, por exemplo, no meu curso de História, ninguém falava disso. O tema não era pauta. Também nos movimentos sociais que tive a oportunidade de participar, seja no sindicato, no movimento com a questão das crianças em situação de rua e outros que par-

ticipei mais à frente, isso não constava na agenda ou se colocava como um problema menor. Esse debate chegou um pouco tarde também, mas, enfim, tudo tem o seu tempo. Você tem razão, a Ecopedagogia já chegou com essa característica. Falando nisso, ao preparar a nossa conversa, destaquei aspectos que considero de grande contribuição da Ecopedagogia, exatamente porque ela nos ajuda a dar fundamentos para sistematizar uma proposta na linha da educação-ecologia, como algo que não se dissocia. Vejo que a Ecopedagogia tem pelo menos quatro grandes contribuições.

Primeiro ela se aporta também na discussão ambiental e dá conta de trazer essa questão sobre os problemas técnicos e sociais do Meio Ambiente, problemas naturais, então, chamo isso de dimensão ambiental. Essa abordagem tem essencialmente a ver com o conhecimento objetivo que a razão ecológica, que faz uso também da razão instrumental, precisa para estabelecer uma relação de sustentabilidade com o meio ambiente.

O segundo ponto importante que ela contribui eu chamaria de dimensão político-econômica. Trata-se da própria conscientização ecopedagógica que situa novamente a problemática do *oikos* e mostra que as noções e práticas ambientais devem estar inter-relacionadas no horizonte dialético do local-global. Toda luta política e econômica tem uma ação global, mas ela se dá no seu lugar, na sua região, na sua nação e em diálogo com o mundo. Isso não tem a ver apenas com o contexto da chamada globalização (ao que nos

opomos com a planetarização), mas porque esse é um princípio fundante de toda ação importa também é constituinte da chamada ecologia profunda.

Depois, uma outra dimensão importante, poderíamos chamar de cosmológico-ancestral. Ao meu ver, essa dimensão nos recoloca e reivindica o retorno necessário à dimensão sagrada da natureza, como por exemplo, a ideia de Pachamama, dos povos originários aqui na América, que não se limite ao ambiente biológico, mas, igualmente, espiritual da Terra. Trata-se de uma concepção muito interessante e faz parte da cosmologia ancestral cultivada por esses povos. É um pressuposto de sustentabilidade extraordinário porque, ao recuperar a dimensão sagrada da natureza, muda-se a relação com toda forma de vida e todo o ambiente. Quer dizer, nós criamos um conceito de sustentabilidade debatido no mundo inteiro, nas academias, em todo lugar, mas não perguntamos para os povos mais sustentáveis do planeta, o que eles dizem sobre isso? Como é que um povo, e podemos exemplificar com o povo Txucarramãe ou o Pataxó, no Brasil, ou qualquer nação indígena do país e de fora também... como os Incas que estão nesse território há mais de 10.000, 15.000 quem sabe 50.000 anos, desde os mais antigos (esses dados ainda estão em estudo), como é que eles criaram o *modus vivendi*, o *modus operandi* sobre a natureza, já que, com mais de 10 mil anos de presença naqueles locais, não destruíram o ambiente, mas criaram harmonia com ele?. Considero

esse aspecto como dimensão cosmológica ancestral, que recupera o sentido do sagrado com que a epistemologia tradicional nunca se preocupou, rigorosamente

Ou seja, a leitura crítica ambiental nunca pensou o quão importante é o gesto de todos os povos originários que, antes de cultivarem e fazerem uso da terra, realizam rituais sagrados de reverência e de fraternidade para com ela. Da mesma forma o fazem, quando se apropriam de um animal e o caçam para matar a fome. Essa cosmologia ancestral não banaliza a vida, pelo contrário, ela integra o sentido da vida. É por isso que os indígenas, refiro-me aos indígenas do Brasil, para não falar de outros povos, mas isso é muito comum nos povos ancestrais, estabelecem uma irmandade com seres, e os identificam como o irmão lobo, a irmã cobra, animais que, para algumas nações, são, inclusive, deidades. Se pensarmos em Ecologia, acredito que essa questão seja central e podemos chamá-la de espiritualidade também.

Eu procurei usar o termo cosmologia ancestral porque alguns pensam que espiritualidade tem a ver apenas com a questão mística da religião, mas significa voltar o olhar para o sagrado do que é o planeta, a Terra e a natureza. Quando dessacralizamos esses aspectos, criamos o que foi originado na civilização predatória. A ideia de "crescei e dominai", por exemplo, é a antítese da ecologia, já que, por ela, nos autorizamos a tudo explorar e, se necessário, destruir.

Por fim, uma última dimensão, chamo-a de dimensão das epistemologias contra-hegemônicas. Tratam-se dos saberes dos povos e dos grupos oprimidos, uma concepção, em muita medida, tributária do que aprendemos com Paulo Freire. Nós estamos convencidos, do ponto de vista também teórico e epistemológico que, não apenas os povos e grupos oprimidos têm saberes. É óbvio que eles têm, e, para essa constatação, não precisa ser um vidente ou estudioso para saber. A teoria do Paulo Freire nos convenceu de que esses saberes são tão importantes quanto os outros, mas, às vezes, são eles os grandes produtores de saberes revolucionários que fazem a humanidade dar saltos no processo que poderíamos chamar de evolução.

Enfim, quanto a esse aspecto temos muitos exemplos e você como estudioso do tema também sabe a respeito. Podemos perguntar, onde está a medicina popular, a medicina que dialoga com os povos da floresta? Eles dominam determinados medicamentos por milênios, mas a medicina alopática não chegou nesses lugares. No Brasil, desenvolvem-se muitos estudos sobre a ayahuasca, chamada em uso ritualístico de Santo Daime, por alguns grupos, por outros é denominada Barquinha ou União do Vegetal. Essa descoberta extraordinária de produzir o chá a partir de um cipó e de uma folha da floresta, em um lugar com milhões de espécies. Como alguém pensou nesse cruzamento? Para esses povos é muito fácil explicar porque possuem relação com as revelações

espirituais. Mas, para a ciência, é difícil entender como alguém, por tentativa e erro, encontra uma mistura com dois elementos da natureza. Para os povos da floresta isso já está colocado há muito tempo. Na América, há mais de dois mil anos, desde a época dos antigos povos Incas e outros indígenas brasileiros que habitam regiões na fronteira com o Peru, a ayahuasca é usada como medicamento. Ela tem grande poder antidepressivo, sobretudo de alinhamento e equilíbrio mental das pessoas, o que poderíamos chamar no nosso mundo civilizado de terapia psicanalítica. Para citar um exemplo. No Acre, há grupos fazendo tratamentos em prisões, em sistemas penitenciários, com presos de altíssima periculosidade, e que estão se reintegrando socialmente nos espaços porque fazem esse processo terapêutico com a ayahuasca. Buscar essas epistemologias contra-hegemônicas, a partir desses saberes, e aprender com eles, faz parte de um desafio da Ecopedagogia.

Ivo - Muito bem, gostei muito da sua fala ao comentar o fato de que não perguntamos para quem faz o certo, do ponto de vista da sustentabilidade. Ao invés de aprendermos com as comunidades indígenas, estamos dizendo que elas devem ser iguais a nós, justamente a comunidade insustentável. Interessante pensar que, na tentativa de reinventar a roda, estamos inventando algo que não funciona, do ponto de vista da sustentabilidade, da necessidade que o planeta tem de que as nossas ações sejam mais condizentes com a possibilidade de geração de vida, para a nossa geração e para as futuras. Sem dúvida, podemos retomar uma crítica feita por Adorno,

ao apontar a modernidade, em muitos aspectos, como projeto falido, porque ela não deu conta de emancipar o humano racionalmente e, ao mesmo tempo, garantir a própria vida racional no planeta.

Nós, os seres racionais que nos colocamos no topo da pirâmide da vida na Terra, no planeta, somos os grandes destruidores dessa própria vida e das possibilidades de garanti-la para o futuro. Isso é preocupante, parece-me haver contribuição gigantesca da Ecopedagogia, pois, como você afirma, ao olhar para a escola é possível pensar o Projeto Eco-Político-Pedagógico (PEPP). Essa dimensão, quando incorporada nas nossas vidas, faz com que as relações com as famílias sejam ecopedagógicas, a atuação como professor torna-se ecopedagógica e não é algo a ser relegado para os outros, mas que se constrói nas relações humanas.

Uma das minhas orientandas está exatamente pesquisando e olhando para ações de ONGs ambientais de Chapecó e será necessário fazermos uma espécie de *check list*, porque há organizações que se dizem ambientais, mas são com base em qual perspectiva? Será que consideram a Ecopedagogia? Acredito ficará uma boa dissertação.

Jason - Perfeito. É por aí. Acredito que você tem um bom trabalho pela frente. A sua fala lembrou a entrevista com a Cruz Prado, no momento em que ela destaca duas questões muito interessantes. Uma delas é exatamente ao se referir à discussão que realiza com determinado grupo, na linha da Ecopedagogia, em

torno do conceito de cidadania, e propõe a cidadania. Essa é uma ideia notável e que precisa mesmo ser discutida porque temos avanços. Por exemplo, a escola cidadã é uma ideia diferente da cidadania, não estamos falando da cidadania eminentemente burguesa, mas no sentido mais amplo dos direitos. Porém, quando um determinado termo não responde ao aspecto conceitual, temos de criar outro. Paulo Freire fez isso e não vejo problema.

Ivo - Sim, e fez muito bem inclusive.

Jason - Muito bem, e é exatamente por isso que a Ecopedagogia foi criada. Tem uma outra questão que a Cruz Prado aborda, no que diz respeito a Ecopedagogia. Segundo ela, a ecopedagogia não possui metodologia específica, porque ocorre como um processo. Acredito que essa seja a metodologia da Ecopedagogia. Particularmente, não tenho nada contra métodos. Paulo Freire criou um para a alfabetização. É verdade que a teoria dele não está reduzida a um método. Mas ele não tinha problema em falar do método, em um dado momento ficou um tanto aborrecido porque todo mundo perguntava para ele apenas do método.

Ivo - Só perguntavam isso para ele.

Jason - Sim, mas, depois, nos últimos anos, ele retomou essa ideia porque método é uma forma que criamos para chegar a um determinado objetivo. Acredito que a Ecopedagogia não propõe um método, mas algo que é muito mais importante. É exatamente

onde se estruturam os fundamentos para base da teoria de Paulo Freire. O que a Ecopedagogia propõe são os fundamentos. Quando trabalhamos os fundamentos criamos uma forma de atuar no mundo. Ou seja, não precisamos de um método específico para fazer a Ecopedagogia na escola, são necessários princípios, porque cada local tem a própria realidade. Como são as escolas Bantu, Zulu, Pataxó ou de periferias? Precisamos promover a discussão a respeito dos conceitos que nos ajudam a estruturar ideias e, portanto, métodos. Passamos a operar com esses fundamentos, o que é mais importante. A teoria do Paulo Freire não é metódica nesse sentido, ela está voltada para que se trabalhem saberes. No último livro em vida, "Pedagogia da Autonomia", Paulo Freire é paradigmático quanto a essa questão. Percebemos que ele se refere aos saberes necessários à prática pedagógica. Assim, o método não é exatamente uma receita, mas uma forma de operar. Nessa direção, a Ecopedagogia também pode contribuir, pois não precisamos pensá-la apenas no campo da educação.

O Projeto Eco-Político-Pedagógico (PEPP) deve ser pensado na real situação que nós vivemos, tanto no âmbito da escola quanto no âmbito da gestão de uma empresa, produtora de algum bem. Isto porque a empresa tem um projeto que deve ser Ecopedagógico, nessa linha que nós defendemos. Intrinsecamente esse conceito questiona o modo de produção e isso nós não podemos esquecer.

Ivo - Exato. Esse conceito questiona o modo de produção e consumo atual, que é a base do capitalismo. Jason, eu ficaria nesta conversa contigo por mais 1h5min, mas o tempo passa. Inclusive, ressalto que foi bom entrevistar você depois da Cruz porque ela coloca a questão de que a Ecopedagogia não tem método.

Jason - Aliás, eu quero mandar um abraço para ela. Cruz Prado é uma grande amiga.

Ivo - Legal. Em relação a esse aspecto, fiquei muito pensativo nesses dias. É uma situação diferenciada o debate entre nós pesquisadores, doutores da pós-graduação e outra bem diferente abordarmos o assunto em sala de aula, em uma formação de professores da Educação Básica, por exemplo, eles podem questionar: se não há método como é que faremos a prática? Isso não é para fazermos, mas apenas pensarmos? Existe uma problematização importante, é óbvio que a Cruz Prado coloca uma resposta muito pertinente, densa, que é preciso escutá-la duas ou três vezes para assimilar a ideia. A minha pergunta para ela foi a seguinte: qual é o método da Ecopedagogia? Uma vez que ao entender a existência de uma epistemologia e de uma finalidade, o que ela chamou de horizontes, há um caminho do meio, mas qual é o método? E na segunda parte do livro "Ecopedagogia", ela e o Gutiérrez falam do caminho, do caminhar.

Método em grego é caminhar, é um caminho, existe talvez uma reinvenção metodológica ou reinvenção de um método, do jeito

de caminhar que são os princípios que eu tomo como base para chegar no horizonte que delimitei, não é uma meta mas, como ela disse, é um horizonte. Fica muito evidente a ideia freiriana de utopia; para Eduardo Galeano é o que nos faz caminhar e para Freire é o ato de denúncia e anúncio, ou seja, da denúncia para o anúncio há um caminho, algo a fazer. Talvez nisso esteja imbricada a necessidade de produzirmos a respeito. As nossas entrevistas no canal podem contribuir para fazermos o que o professor Romão apontava para mim no pós-doutorado, que é seguir pensando a Ecopedagogia.

Durante a sua fala eu lembrei da Cruz Prado. Será que é possível, 21 anos depois, reinventar a Ecopedagogia, já que ela mesma comenta em relação ao incômodo com a noção de cidadania? Há um trocadilho interessante que só o espanhol nos permite dizer, *ciudadania*, e ela inverte o "u" e o "i" e fica cuidadania.

No português fica parecido, mas não é semelhante ao dizer em espanhol, Cruz Prado estava preocupada com essa questão e está produzindo a respeito. Ou seja, é possível que tenhamos, em breve, e podemos fazer parte instigando-a a produzir mais rapidamente e com a qualidade necessária, um texto sobre o tema, para que possamos fazer um novo livro, não para substituir o primeiro, de maneira alguma, pelo contrário, pois ele é muito importante. Como você comentou, se ela apenas tivesse produzido o livro já estava bom, mas, talvez, 20 anos depois, seja o momento de o reler.

Aliás, há uma obra sua chamada "A importância do ato de reler"; reler a Ecopedagogia, reinventá-la e novamente nos debruçarmos acerca dos conceitos fundamentais e dos próprios fundamentos para que possamos, duas décadas depois, dizer: foi bom o que foi feito até aqui, esse livro foi importantíssimo, mas é preciso também criar coisas novas, um novo livro com essa densidade e com a contribuição da Cruz Prado. Nesse sentido, com certeza seria um livro de sucesso, chegaria às pessoas e ajudaria a construir uma concepção de Educação, Política, Meio Ambiente, e Ecologia, quem sabe para o século XXI.

Jason - Você falou algo interessante. Lembro-me que o Leonardo Boff havia acabado também de publicar o "Saber Cuidar: ética do humano" e, no dia em que Gutiérrez estava autografando "Ecopedagogia e Cidadania Planetária", em 1999, falei para ele a respeito de Boff, ao que respondeu já conhecer o livro, que Boff era seu amigo e a obra era um excelente trabalho. E foi bem interessante a provocação de Cruz Prado, porque se pudéssemos resumir a Ecopedagogia em um único fundamento, diríamos que ela é realmente a Pedagogia do Cuidado.

Fiquei muito impressionado com a leitura desse livro do Leonardo Boff, porque ele trabalha o paradigma do cuidado a partir de várias metáforas. Ele inicia com a do escravo bibliotecário de Júlio César em Roma, que recupera a fábula do cuidado para mostrar

como essa categoria na ontologia humana foi muito mais fundamental do que a razão. Acredito que a Ecopedagogia caminha nessa direção. Foi grande aprendizagem ouvir o seu bate-papo com a Cruz Prado, assim como hoje também fazer o exercício de arejar um pouco essa discussão, pois há um bom tempo não a fazia.

Ivo - É muito bom. Sou um aprendiz quando comparado a vocês que estão pensando esse tema há 20 anos, estou há talvez dez, oito, cinco anos, especificamente com a Ecopedagogia são três, quatro anos. É interessante mencionar o fato de termos apenas um excelente livro que discute a Ecopedagogia, em contrapartida nos últimos dez anos lemos muitos sobre a Educação Ambiental. Voltado à Ecopedagogia temos um apenas como referência porque os outros são bem mais recentes e, com certeza, não possuem autores renomados. Enfim, acabamos não nos debruçando nesse trabalho e, cada vez mais, percebo a importância de o produzirmos.

As quatro dimensões que apresentou precisam ser abordadas de forma mais densa e sistematizada. Comece a produzir a respeito disso e podemos juntos apresentar a proposta para os pares latino-americanos, brasileiros, na pós-graduação e fora dela. Quem sabe daqui 20 anos possamos olhar para trás e dizer: demos a nossa contribuição para esse debate e para construção de um mundo mais humano, mais justo, solidário e mais ambientalmente sustentável.

Jason - Vamos construir esse compromisso. Muitas pessoas não conhecem o livro do Gadotti "Pedagogia da Terra" e vale à

pena conhecer a abordagem porque, de certa maneira, ele dialoga com "Ecopedagogia e Cidadania Planetária" de Francisco Gutiérrez e Cruz Prado. É uma das obras mais importantes do Gaddotti nesses últimos anos de trabalho. Aliás, trata-se de um autor importantíssimo que precisamos sempre reverenciar como grande pesquisador e educador. Aproveito o momento para informar que estamos com o movimento #paulofreiresim. É um movimento com o intuito de lembrar a obra de Paulo Freire, que passa por momentos difíceis, e a divulgação desse movimento é muito importante. Não podemos esquecer que naqueles últimos momentos de Paulo Freire, se não me engano na última entrevista dele concedida à Globo News, ao ser questionado por um jornalista como ele gostaria de ser lembrado, Freire responde que gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a terra, a água, a vida. Ou seja, nos últimos tempos ele estava muito tocado pela questão ecológica, e não precisamos ter receio de falar o que é ecológico, pelo contrário, precisamos ressignificar essa ideia e foi por isso que ele combinou essa parceria para tratar da educação, em uma obra que pudesse ter os fundamentos da Ecologia. Então, seguimos freirianamente.

Ivo - Você colocou muito bem, o livro que mais dialoga com a Ecopedagogia e que eu também conheço é, sem dúvida, "Pedagogia da Terra", tem uma identidade muito próxima, são livros gêmeos, com muita proximidade.

Muito bem Jason, obrigado mais uma vez, agradeço de coração pela parceria. Este espaço não é meu, é nosso e para todos. Muito obrigado!

Jason - Valeu, Ivo, um grande abraço, sigamos juntos.

Ivo - Valeu, grande abraço. Até mais!

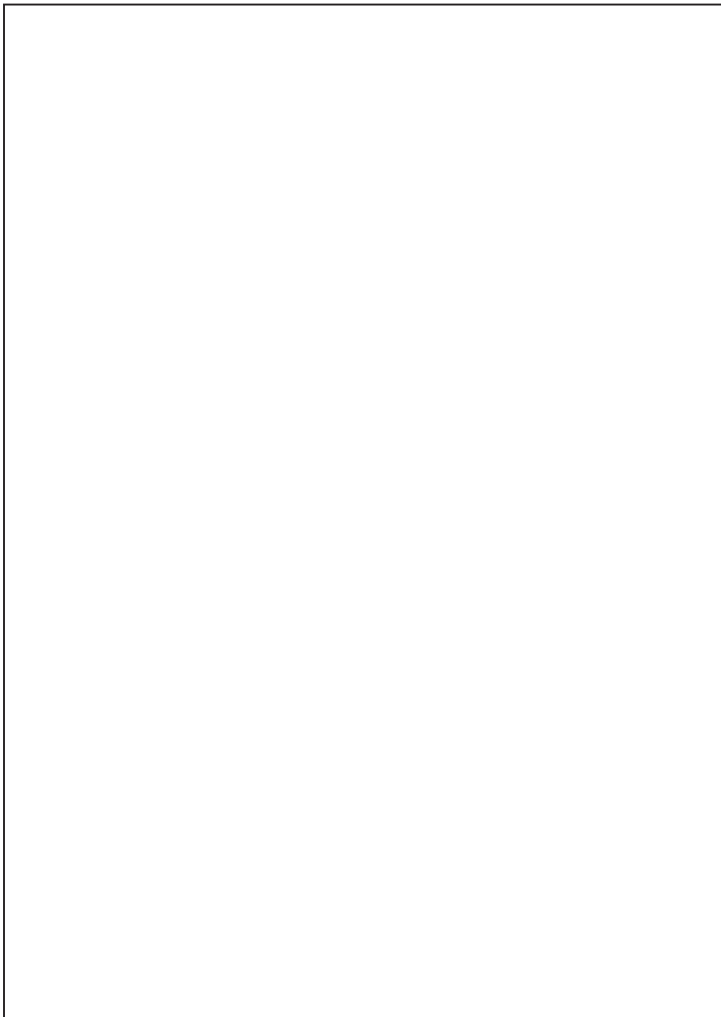
SÍNTESE DO TEXTO

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo

IMAGEM PEDAGÓGICA



CAPÍTULO 4

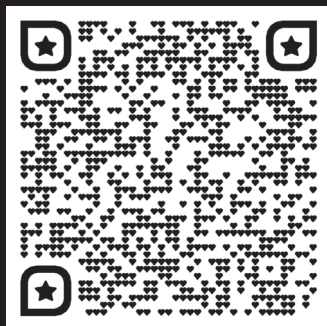
Ecopedagogia: desafios e perspectivas

Ivo Dickmann

Ana Maria de Oliveira Pereira



Assista no Youtube | *Acesse o Podcast*





Ivo - Minha querida amiga, Ana Maria, bem-vinda!

Ana - Olá, é um prazer estar aqui conversando contigo sobre esse tema que nós dois gostamos muito.

Ivo - Quero lembrar que em breve essa nossa entrevista também vai estar transcrita e publicada como capítulo de livro que estamos organizando sobre as origens fundamentos e as perspectivas da Ecopedagogia no Brasil nos próximos 20 anos, por isso quero começar perguntando para você até porque o pessoal que não conhece a Ana, ela fez um pós-doutorado aqui na Unochapecó comigo, foi aí que nos conhecemos. Mas conta para o pessoal Ana, qual é a tua trajetória como educadora a tua formação para que a gente possa te conhecer melhor.

Ana - Eu tenho formação inicial em Geografia licenciatura, mestrado em educação, onde comecei pesquisar tecnologias na educação principalmente a questão da formação de professores. Após, no doutorado em diversidade cultural e inclusão social dei continuidade às pesquisas sobre o uso das tecnologias nas aulas de Geografia. Recentemente (2021/2022) com a supervisão do Ivo fiz um pós-doutorado com o tema da pesquisa Ecopedagogia Par-

te desse tempo, até 2012 eu trabalhei na educação básica, dei aula desde os pequeninhos até os adolescentes do Ensino Médio. Do sexto ano ao terceiro ano do ensino médio sempre na Geografia esta ciência que perpassa vários temas dentro deles as questões relacionadas ao ambiente e tudo que permeia ele. Na verdade, a Geografia e a Biologia na Educação Básica, são campos muito próximos no que se refere às questões ambientais. Trabalha-se questões relacionadas ao relevo, clima, população e a interferência que nós sociedade, temos no planeta. Isso tudo é importante de ser compreendido e não só socializado. As Ciências Geográfica, na Educação Básica, servem para que as pessoas possam de fato construir conhecimento e se perguntar: Poxa vida, qual é o meu papel nesse planeta?

Ivo - Verdade, e você nesse tempo que foi professora na Educação Básica e agora, também ensino superior, antes do pós-doutorado, já tinha ouvido falar sobre a Ecopedagogia ou ela foi novidade para você?

Ana - Ecopedagogia em si foi novidade. Mas a questão ambiental não é nova até em função disso que eu falei, logo depois que eu terminei a minha graduação, no século passado, fiz uma especialização em desenvolvimento sustentável. Essa especialização aconteceu um pouquinho após a Rio 92, onde o termo desenvolvimento sustentável começou a ser mais utilizado, foi aí que comecei a entender um pouquinho mais sobre as questões

ecológicas e ambientais e a sustentabilidade. Então, não é de agora que me envolvo com questões relacionadas ao ambiente nas minhas pesquisas, mas a Ecopedagogia em si, eu conheci agora (em 2021), eu nunca tinha ouvido falar foi você quem me apresentou a Ecopedagogia.

Ivo - E você ficou aqui um ano com a gente. E foi um ano com diálogo intenso né, com vamos falar no final, com muitas perspectivas de continuidade sem dúvida. Mas se fosse resumir hoje Ana, o que você diria para as pessoas que estão vendendo. O que é a Ecopedagogia? Essa é a pergunta mais simples e mais difícil né

Ana - É exatamente isso que eu digo. Não temos como traduzir pela palavra né Ivo, Ecopedagogia, estamos aprendendo ainda né, é um estilo de vida. Não é fácil mudar né porque vivemos uma sociedade consumista e somos consumistas. Dentro de um pensamento ecopedagógico nós precisamos ter ideia de que estamos em um planeta e esse planeta é o único. Não existe dentro e fora, tudo que produzimos aqui, vai ficar aqui. Então ter pensamentos ecopedagógicos é ter pensamentos de preservação. Entender que precisamos cuidar desse planeta, cuidar do que é nosso da onde nós estamos, como se fosse a nossa casa. Sim, o planeta é nossa casa, mas a analogia que eu faço é com o espaço onde residimos. Nesse espaço não vamos descuidar, não vamos deixar a casa suja, não vamos deixar a casa toda aberta quando estiver chovendo. Então, temos que ter essa noção de cuidado, aquilo que dentro das

discussões ecopedagógicas denominamos cidadania, que vai um pouquinho além da cidadania planetária. Então, precisamos ter essa noção, e aonde vamos trabalhar isso? Nós temos que começar a trabalhar isso principalmente nas escolas, que é o local onde pode haver uma disseminação maior da ideia de cuidado com o planeta. Ainda não temos um conhecimento amplo sobre a Ecopedagogia, quando falamos a palavra: Ecopedagogia, as pessoas associam com Pedagogia, sem fazer a ligação com o eco. O meu pensamento é de termos atitudes de preservação, conservação e cuidado. Isso é o principal da Ecopedagogia que eu concluí nesse um ano que estou pesquisando. Mas isso bem inicial, até porque, pretendemos, como tu bem falou no início, estender nossas pesquisas por no mínimo 20 anos.

Ivo - Verdade e você coloca uma coisa bem importante do ponto de vista da palavra. São dois esquecimentos que eu costumo dizer, ou a pessoa olha só para Eco ou só para Pedagogia, tratando disso como uma forma de ensino e esquece o eco, ou olha só para o eco, e aí enxerga só a questão ambiental e esquece o processo de ensino e aprendizagem. Parece-me que nós temos uma tarefa importante na sequência das pesquisas que vai fazer, de reconectar, religar essas coisas porque é próprio do pensamento moderno separar, engavetar, fragmentar e a Ecopedagogia não, obviamente dentro de um pensamento moderno que nós estamos ou da crise da modernidade, que é esse momento que a gente vive, ela tam-

bém é marcada talvez por isso. Mas eu gostaria de te fazer uma outra pergunta, você tocou agora na questão das práticas, como é que você como professora, pesquisadora orientadora de dissertações de TCC e iniciação científica como que você enxerga a possibilidade de práticas ecopedagógicas na tua tarefa cotidiana no teu dia a dia de trabalho, de pesquisa e de professora? Que práticas da eco pedagogia, por exemplo, você vem conduzindo?

Ana - Bom, as minhas práticas na verdade dentro da minha profissão eu vou dividir em duas partes, porque tem algumas coisas que aos poucos e conforme a gente mergulha nessa área da ecopedagogia vamos nos dando conta. Nas minhas práticas como professora e pesquisadora tenho trabalhos de iniciação científica que tem a temática da ecopedagogia, tenho orientações de mestrado também com essa temática e a própria pesquisa de pós-doutorado. Bom, e junto com a ecopedagogia tudo aquilo que envolve a formação de professores porque afinal de contas, trabalhamos para formar professores. Então, como fazer para que isso possa ser disseminado? Mas além de ser disseminado, que os estudantes possam se apropriar desse conceito e dessa ideia ecopedagógica no dia a dia. Isso perpassa pelas coisas muito simples e que precisamos ir modificando, como por exemplo: a questão do tipo de alimentação, do tipo de produtos que utilizamos na nossa casa e como descartamos os nossos resíduos, o lixo que temos em casa. Isso são pequenas atitudes, mas que são importantes e que vão ser

muito mais valorizadas no momento em que tivermos nos apropriando desse pensamento ecopedagógico. Aos poucos, mas efetivamente, vamos percebendo a importância da mudança de hábitos diários nas pequenas coisas.

Ivo - Eu penso também que às vezes a gente desconecta o nosso trabalho da ecopedagogia, especialmente na pesquisa. Esses dias me perguntaram algo parecido, eu dizia assim: olha as minhas práticas ecopedagógicas são centralmente de pesquisa. Mas você traz uma coisa importante a gente pesquisando a época pedagogia nós fazemos uma certa transposição para nossas práticas cotidianas, você chamou de Filosofia de vida, isso faz muito sentido né. Mas é óbvio que é muito mais do que isso, mas quando a gente começa a entender o impacto de cada ação nossa, seja de modo pragmático com lixo, seja, do ponto de vista mais crítico das nossas opções políticas, seja do ponto de vista da nossa pesquisa o que produzimos enquanto conhecimento, de artigos, dissertações e teses que orientamos, me parece que todas elas sem exceção, não umas mais que as outras, todas elas, impactam na nossa qualidade de vida, na longevidade da vida humana nesse planeta. Então me parece ser importante. E acho até, sem querer desmerecer as outras práticas, as nossas práticas de pesquisa vão sinalizar no futuro próximo, com certeza políticas públicas, vão sinalizar necessidade de mudança de comportamento, vão sinalizar a importância de fomentar esse tipo de pesquisa na Universidade. Ou seja, nós esta-

mos plantando uma semente em solo fértil no sentido de colher a média longo prazo. A ecopedagogia me parece, não é uma questão imediatista, faz sentido dizer isso para você? O que que você acha?

Ana - Não, não é imediatista e eu tenho muita noção disso e ainda aquele ditado que diz: nós estamos fazendo o trabalho de formiguinha, sim, nós estamos fazendo trabalho de formiguinha, mas não dá para desistir. Uma coisa importante que constatei nesse ano, que eu me debrucei e me apaixonei pela ecopedagogia, são as analogias que vamos fazendo. Eu comecei pesquisar no momento de pandemia, e aí vimos alguns índices de emissão de poluentes que diminuíram drasticamente com diminuição das nossas atividades externas. O caso da emissão de gases a partir dos motores de automóveis e caminhões, então, quer dizer: poxa vida, formam índices altos! Então, nós temos que mudar, mas não só a nossa concepção, nós temos que mudar nossas atitudes e aí dentro disso né, se eu não for mudar minha atitude de que me adianta ficar pesquisando? Então eu vou pesquisar, vou discutir, mas eu também preciso mudar. Tem que ser aos poucos? Tem que ser aos poucos, não tem que mudar drasticamente, mas, eu preciso dessa mudança porque senão não adianta. Eu não seria coerente comigo, estar pesquisando sobre ecopedagogia e não realizar atos ecopedagógicos, como esses mais simples que comentamos, o caso de separação do lixo de maneira mais correta. Claro que as pessoas podem dizer, nossa, mas que coisa tão básica? Mas é isso. É o

nosso dia a dia. Se formos analisar em termos de Brasil nós temos aqui no Rio Grande do Sul, por exemplo, na minha cidade, coleta seletiva do lixo então a separação aqui onde eu moro é toda feita, mas tem alguns lugares que não é feito isso. Então quer dizer, é um pequenininho um pequeno passo? Sim é um pequeno passo. Mas ele é muito necessário e já é um ato ecopedagógico.

Ivo - Eu acho que tem uma coisa aqui que tá aparecendo na nossa conversa que eu não tinha pensado ainda. Olha se faz sentido para você. O diálogo, ele é criador de saberes né de conhecimento por isso que a ideia do fundamento dialógico da educação eu penso que nós estamos mapeando diversos pontos de contato com a ecopedagogia, por exemplo, vamos tomar de novo esse exemplo da separação do lixo. A questão não é só separar o lixo a questão é pensar o nosso consumo. Quando você dá o exemplo da pandemia, da emissão de gases poluentes, é pensar a habilidade urbana. Veja nós estamos dando um passo. Além dessa dimensão mais pragmática, que ela é fundamental desde que trabalhada de forma crítica, assim eu não preciso só ensinar a criança a separar o lixo tem que dar condições para que ela entenda de onde vem essa embalagem? Quem ganha com esse movimento de produção dessa embalagem? Não há outras formas? E aí pensar criatividade das crianças dos adolescentes, dos jovens. Não existe outras formas do leite chegar até minha casa, outras formas de embalagem? Ou de reconversão desse modo de produção? Enfim me parece que eco-

pedagogia tá dentro dessa questão da criticização das nossas práticas cotidianas, olhando de forma mais profunda. Não que não tenha sido olhado até hoje, mas olhando de forma mais profunda faz sentido pensar assim?

Ana - Sim, perfeitamente. É aquilo que eu digo, não podemos ficar só pesquisando, precisamos atitudes de mudança. Não adianta só ficar pesquisando, comprovando, publicando, apesar de isso ser importante, precisa sair só do papel, é necessário virar atitudes. A ideia é que as pessoas possam enxergar essa necessidade urgente de mudança.

Ivo - Nós vivemos um tempo de limite né. Eu acho que os dados do aquecimento global, do empobrecimento da população mundial, da acumulação exacerbada de riqueza na mão de poucas pessoas, isso tudo demonstra que nós vivemos momentos de limite da vida no planeta. Da vida social da vida ambiental me parece talvez, aqui um outro ponto importante para nós dialogarmos Ana, a ecopedagogia tem uma importância para esse momento que a gente está vivendo, especialmente no que tange a relação educação sociedade e meio ambiente. Um tripé que há muito se fala, de que é preciso inter-relacionar, mas me parece que é ecopedagogia não consegue enxergar a realidade sem essa inter-relação educação meio ambiente e sociedade. Qual seria na tua leitura a importância de debater esse tripé?

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Ana - Olha, na verdade esse debate precisa ser feito na escola. Na educação Básica. É até complicado sempre voltarmos nesse assunto, mas vimos isso na pandemia. Nossa geração nunca tínhamos passado por uma pandemia desse dessa proporção, então avalio que tivemos vários aprendizados nessa pandemia e um importante, foi o papel da escola na vida das pessoas. Então é fundamental que possamos, como professores e como escola, trabalhar a importância da preservação e conservação ambiente, a importância do meio aonde vivemos e de como termos atitudes para preservação da nossa vida nesse planeta. Esse planeta aqui é único, não existe fora dele, em minha opinião a escola é ambiente para esse debate. É a escola que proporcionará condições de diferenciar o que é verdadeiro do que não é tão verdadeiro assim. O que chamamos de fake, de notícias que falsas. Mas eu ainda acho que precisa ter uma mudança grande na escola, o papel dela é fundamental, não se discute, mas me parece que os atores ainda não entenderam por completo esse papel. Então precisamos trabalhar de uma maneira mais efetiva, para que os conteúdos que trabalhamos lá, a partir dos currículos que construímos, sejam fundamentais para o dia a dia, para a vida das pessoas eles são significativos para a vida da pessoa. Nós não vamos para escola ou mandamos nossos filhos para escola, para aprender alguma coisa que vai ficar guardadinho em uma caixa. É escola é para aprender e construir conhecimento em relação a minha vida aqui nesse planeta. A minha vida que vai envolver o espaço onde eu estou inserido, que vai

envolver o ambiente, que vai envolver o meu pensamento. Tudo isso para mim, embricar a Ecopedagogia, o ambiente e a e a escola é dar um significado maior.

Ivo - Perfeito eu acho que tem esse potencial, que tá lá em Paulo Freire que é uma contribuição freiriana para ecopedagogia nesse sentido, de potencializar o contexto do estudante, do educador, do entorno da escola para dentro do processo de ensino-aprendizagem, pensando o conteúdo as dinâmicas as metodologias conectadas com o contexto. E aí obviamente, a sociedade vem para dentro da educação e a gente tematiza a questão ambiental por isso somos Ecopedagogia, porque é dentro desse planeta que a gente pensa, é dentro desse planeta que se produz a vida, produz e reproduz do ponto de vista do trabalho né, então não tem como separar. Veja eu lembro uma frase do Morin, que disse que é preciso religar os saberes. Eu penso que a Ecopedagogia está, dentro dessa perspectiva, numa lógica da complexidade, porque ela não entende separado isso, e o pensamento moderno quis separar tudo isso para entender melhor, na lógica cartesiana de separar para entender melhor as partes. E aí a complexidade vai dizer que o todo tá nas partes então a gente precisa compreender conectado. Eu acho que é fantástico pensar dessa forma. Ana antes de te fazer mais uma pergunta, para quem não sabe a Ana e eu somos os líderes do Palavração, que é um grupo de pesquisa em educação e Ecopedagogia. Vamos nos vangloriar um pouco, né, o único grupo

que pesquisa Ecopedagogia, que tem no nome a Ecopedagogia e que pesquisa centralmente a ecopedagogia no Brasil. Eu não vou dizer do mundo, porque eu não fiz esse levantamento, mas no Brasil eu já fiz esse levantamento. Temos uma prática que está sendo muito bacana para nós, membros do grupo, que é se encontrar a cada 15 dias para ler a obra principal que é Ecopedagogia e cidadania planetária. Eu queria que você falasse um pouco para as pessoas sobre isso. Porque me parece que aqui o Palavração dá também uma contribuição importante para as pessoas que estão pensando em estudar Ecopedagogia. Fala um pouco da nossa prática, eu acho que é legar compartilharmos isso também.

Ana - Então, o Palavração é um grupo que a temos um carinho muito grande, né, Ivo e se deixar, eu e você ficamos falando nisso o dia inteiro, e não paramos. Termina o dia e tem assunto. O que nós fazemos então? Nos reunimos a cada 15 dias para discutir um capítulo do livro Ecopedagogia e Cidadania planetária. Um livro importantíssimo que está aqui há 30 anos e que os nossos orientados de iniciação científica, mestrado e trabalho de conclusão de curso vão discutindo conosco, porque a grande maioria deles nem sabia o que era Ecopedagogia. Então nós vamos discutindo os capítulos e aí cada um, desterritorializado e territorializado no nosso espaço virtual, nossa reunião que tem pessoas de diversas cidades, são poucos que estão na mesma cidade. Nós temos alunos/pesquisadores de toda a Região Sul do Brasil e do Sudeste também, que

participam das nossas discussões. Isso é muito rico porque a partir daí, conseguimos entender uma série de coisas além do livro, que transpassa tudo que está escrito e conseguimos perceber como a ecopedagogia faz parte do nosso dia a dia. Então a partir de uma visão freiriana de construir as coisas, fazemos a nossa discussão, que não é longa. Vamos organizando o pensamento a partir daí e depois fazemos um relatório cada dia ou cada discussão alguém escreve em formato de carta pedagógica. Isso foi uma herança do nosso querido Paulo Freire e que estamos gostando muito de fazer assim. Saímos das reuniões muito motivados, temos um limite de tempo para mas dá vontade de ficar mais.

Ivo - Está sendo muito produtivo né. Quando nós pensamos essa estrutura de encontros não tínhamos certeza obviamente, que iria dar certo, mas nós tínhamos uma herança de outros grupos de pesquisa que a gente aprendeu, que fazem assim, especialmente me recordo os estudos hegelianos, quando chegaram no Brasil o pessoal se debruçava né parágrafo por parágrafo dos estudos e nós compramos essa ideia e estabelecemos um processo que está sendo muito bacana. Nós estamos aprendendo muito porque é no diálogo com quem também está começando. E como tu disse bem né nós estamos aí em 2022, 30 anos da primeira publicação do livro Ecopedagogia e cidadania planetária e nosso projeto é um plano de 20 anos, ou seja, nós não estamos de brincadeira com esse tema. Quem está nos vendo ou nos ouvindo, ainda vai ouvir

falar muito da Ecopedagogia, por esse canal a Tv Ecopedagogia o podcast Ecopedagogia e também pelas nossas publicações. Porque precisamos dar visibilidade para o tema, e uma das formas de dar visibilidade é publicando. Então teremos aí um conjunto de dissertações que estão sendo produzidas no campo da ecopedagogia nossos artigos científicos o capítulo de livro que tá saindo agora com a parceria do pessoal do Paraná. Temos aí um grupo que vem se constituindo na parceria Unochapecó e Universidade Federal da Fronteira Sul, Universidade Federal Fluminense. Iniciamos um diálogo e já é parceiro do Palavração, o Instituto Paulo Freire que muito nos honra com aceite de estar junto conosco nessa caminhada. Temos o professor Greg Misiaszek que tá na China e é um dos principais autores da Ecopedagogia mundial, se não o principal hoje, a nível de quantidade de produção, estamos costurando a tradução do livro dele para o Brasil, que já tá pronta só falta fazer a revisão. Ou seja, o Palavração é hoje o núcleo irradiador da Ecopedagogia no Brasil e na América Latina, sem falar, e quase me esqueço, da parceria extraordinária que nós temos com a criadora da Ecopedagogia, a professora do Cruz Prado da Costa Rica. Já estamos também, traduzindo o texto dela, que é o principal texto, sobre cidadania. Então, é um grupo, não é o Ivo, não é a Ana, é um grupo. Nós somos um coletivo que tem por objetivo disseminar os estudos da Ecopedagogia no Brasil na América Latina e, por que não dizer, no mundo, pois temos parceria com Angola na África, com pesquisador na Hungria, temos o nosso amigo Greg

que é norte americano, mas está na China. Claro que isso tudo tá começando, e aí eu te faço uma pergunta, porque nós vamos construir em 2023 a Rede Internacional de Pesquisa em Ecopedagogia, aí sim eu acredito e as nossas ações terão cada vez mais visibilidade. É isso, essa é nossa tarefa, nossa missão ecopedagógica.

Ana - Exatamente isso. Nós vamos estar firmes e fortes discutindo e dando condições para que as pessoas possam entender o que é a Ecopedagogia e construir conhecimento em relação a isso. E nesse momento que tu vais entender que já faz parte do teu dia a dia, aí sim eu acredito muito que as pessoas vão mudar de atitude. Porque se nós não fizermos isso, vamos ter colapso aí na frente. Não é uma invenção da Ana ou do Ivo. Isso é o que de fato as pesquisas que tem um cunho científico que já comprovaram. Então, nós precisamos sim, mudar nossas atitudes urgentemente começar desde agora. Não dá para deixar para depois, para o final de ano, não, é agora!

Ivo – Então, eu quero fazer um registro aqui, hoje é 31 de outubro de 2022. Nós vivemos no Brasil ontem um processo eleitoral do segundo turno, a nível nacional e com a vitória do presidente Lula se anuncia, obviamente, que não é a solução dos problemas do Brasil, do ponto de vista prático não é uma ação que resolve tudo, mas é uma ação importante, é uma guinada que sai de uma perspectiva mais conservadora, de liberalismo econômico social, de dúvida da ciência. Estamos saindo desse modelo de ataque as

questões ambientais nítidas e vamos iniciar em 2023, supostamente, pelos anúncios e pelas promessas de campanha, uma política um pouco mais conectada com a ecopedagogia no que diz respeito a questão socioambiental. A pergunta é, acho que esse é o registro importante porque nós estamos no momento importante da história nós vamos poder avaliar isso melhor, daqui quatro anos, mas hoje sinaliza um governo no Brasil mais de centro-esquerda e que tem uma leitura das questões socioambientais, da dimensão de fomento à pesquisa um pouco mais acentuada, isso são as pesquisas que mostram, eu não estou inventando, nem defendendo. Um foco na educação, a Universidade Federal da Fronteira Sul, por exemplo, é resultado da gestão do governo do Lula. Como é que você enxerga nesse cenário de renovação das esperanças dessas políticas sociais e ambientais mais conectadas com a Ecopedagogia, qual seria então, a nossa tarefa enquanto ecopedagogo e ecopedagoga, quais seriam as nossas lutas e os nossos diálogos nesses nesse próximo tempo que vamos viver no Brasil? O que você enxerga, quais seriam as lutas da Ecopedagogia nesse novo cenário que está se desenhando?

Ana - Então, agora aqui pensando, o diálogo, uma palavra freireana que mais deveria ser utilizada, eu tenho esperança e que as coisas mudem. Fazendo uma análise desse tempo que nós passamos, em especial nesse último ano, mais especial ainda, nesses últimos dias. Não podemos esquecer que vivemos em uma de-

mocracia e que na democracia o que é soberano é a vontade das pessoas, então agora nós estamos passando por um dia após a eleição complexo, que ainda não está existindo uma aceitação das pessoas. Uma coisa que eu acho que aflorou muito nos últimos tempos é o ódio. O ódio não tem relação nenhuma, ele é completamente oposto a Ecopedagogia, porque na ecopedagogia falamos em amorosidade, temos que gostar do lugar aonde vivemos. Eu não sou boba de achar que as coisas são dadas assim e assim vão acontecer e tem que aceitar. Não, não é isso. Mas nós temos que enxergar de maneira diferente, temos que ir atrás daquilo que desejamos, daquilo que achamos que é certo e a ecopedagogia vai me proporcionar uma condição mais crítica de estar no mundo. Ó que para isso eu preciso ter noção que eu tenho que conhecer, eu não posso ficar ouvindo ou lendo metade de manchetes, de notícias. Não, eu preciso aprofundar minha leitura, eu preciso entender o que é essa sociedade complexa que eu vivo e qual que é o papel da ecopedagogia. E aí eu trago de volta a importância da escola, de discutir isso na escola. Lembrando que a escola é um espaço que é para todos, segundo a nossa Constituição ela é para todos e a educação e esse processo formal da Educação que acontece na escola é laico. Ou pelo menos deveria ser, e aí eu defendo que precisamos trabalhar todos esses conceitos lá, no espaço escolar. Para que as crianças e adolescentes enfim, todas as pessoas que fazem parte da comunidade escolar, tenha acesso as informações. Sabemos que esse é um espaço de disseminação, tanto de coisas boas como de

coisas não tão boas. E nós que pesquisamos esse processo de formação de professores e atividades na escola, sabemos que a escola que na educação formal temos um campo fértil para isso tudo acontecer. Aí temos espaço para a disseminação, a socialização das ideias, dos conceitos. É um pouco isso que eu penso sobre o legado da Ecopedagogia, é a mudança de atitudes a partir de conhecer a realidade. A importância que nós temos para o planeta e o planeta tem para nós. Essa interligação. Não tem como eu pensar só a Ana ou só o planeta. Eu tenho que pensar a Ana no planeta e o que que a Ana tá fazendo para melhorar isso.

Ivo – Ana, para nós encerrarmos a nossa conversa eu tenho feito uma pergunta sempre para as pessoas e que vem aqui conceder entrevista na TV Ecopedagogia, canal esse que começou comigo e agora é do Palavração, porque tudo que é da Ecopedagogia não é do Ivo, é de todos, é um esforço coletivo, por isso, convidamos o pessoal não se inscreveu ainda no canal, para se inscrever e ficar atualizado. Vamos produzir muito material bacana ainda sobre a pedagogia nesse canal. Ana, o Paulo Freire foi perguntado qual o legado que ele gostaria de deixar, como ele gostaria de ser lembrado. Eu pergunto para você agora como você gostaria de ser lembrada? Que legado você quer deixar, qual é a tua herança como pessoa, como pesquisadora, como mulher na sociedade que vivemos?

Ana - Sempre fazendo perguntinha difícil, Ivo. Mas eu desejo que as pessoas lembrem de mim como uma pessoa inquieta, que sempre está à procura de respostas para que todos da comunidade possam viver bem. E aí se encaixa a ecopedagogia e também, uma coisa que eu gosto muito e que eu pesquiso já há alguns anos, que é o uso das tecnologias digitais para melhorar a nossa vida. Ter um pensamento Ecopedagógico na minha concepção é ter um pensamento crítico. E aí eu quero ser lembrada como uma pessoa inquieta, uma pessoa que tem vontade de mudança, mas uma mudança para todos não uma mudança só para mim. Uma pessoa que pensa no coletivo. Eu me sinto bem no meio das pessoas. Uma coisa eu sempre digo, desde criança, sempre quis ser professora e se eu tivesse que voltar atrás e escolher de novo, eu seria novamente professora. Tem os perrengues? Sim, tem, mas a sala de aula é o meu espaço. E hoje um pensamento ecopedagógico é um pensamento crítico, é um pensamento que combina muito com a escola que combina muito com a sala de aula. Então, eu gostaria de ser lembrada dessa forma.

Ivo - Que bom, Ana, é um excelente legado sem dúvida nenhuma. Agradeço de coração pela nossa parceria, pela comunhão com que a gente vem conduzindo os processos juntos. Eu acho que você é hoje, sem dúvida nenhuma na minha trajetória uma das principais parceiras e eu espero que a gente possa viver juntos os próximos 20 anos da ecopedagogia e celebrar juntos os 50 anos da ecopedagogia. Vai ser muito bonito. Obrigado pela tua presença.

SÍNTESE DO TEXTO

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo

IMAGEM PEDAGÓGICA



CARTA DA ECOPEDAGOGIA





CARTA DA ECOPEDAGOGIA

Em defesa de uma pedagogia da Terra

1. Nossa Mãe Terra é um organismo vivo e em evolução. O que for feito a ela repercutirá em todos os seus filhos. Ela requer de nós uma consciência e uma cidadania planetárias, isto é, o reconhecimento de que somos parte da Terra e de que podemos perecer com a sua destruição ou podemos viver com ela em harmonia, participando do seu devir.

2. A mudança do paradigma economicista é condição necessária para estabelecer um desenvolvimento com justiça e equidade. Para ser sustentável, o desenvolvimento precisa ser economicamente factível, ecologicamente apropriado, socialmente justo, incluyente, culturalmente equitativo, respeitoso e sem discriminação. O bem-estar não pode ser só social; deve ser também sócio-cósmico.

3. A sustentabilidade econômica e a preservação do meio ambiente dependem também de uma consciência ecológica e esta da educação. A sustentabilidade deve ser um princípio interdisciplinar reorientador da educação, do planejamento escolar, dos siste-

mas de ensino e dos projetos político-pedagógicos da escola. Os objetivos e conteúdos curriculares devem ser significativos para o(a) educando(a) e também para a saúde do planeta.

4. A ecopedagogia, fundada na consciência de que pertencemos a uma única comunidade da vida, desenvolve a solidariedade e a cidadania planetárias. A cidadania planetária supõe o reconhecimento e a prática da planetaridade, isto é, tratar o planeta como um ser vivo e inteligente. A planetaridade deve levar-nos a sentir e viver nossa cotidianidade em conexão com o universo e em relação harmônica consigo, com os outros seres do planeta e com a natureza, considerando seus elementos e dinâmica. Trata-se de uma opção de vida por uma relação saudável e equilibrada com o contexto, consigo mesmo, com os outros, com o ambiente mais próximo e com os demais ambientes.

5. A partir da problemática ambiental vivida cotidianamente pelas pessoas nos grupos e espaços de convivência e na busca humana da felicidade, processa-se a consciência ecológica e opera-se a mudança de mentalidade. A vida cotidiana é o lugar do sentido da pedagogia pois a condição humana passa inexoravelmente por ela. A ecopedagogia implica numa mudança radical de mentalidade em relação à qualidade de vida e ao meio ambiente, que está diretamente ligada ao tipo de convivência que mantemos com nós mesmos, com os outros e com a natureza.

6. A ecopedagogia não se dirige apenas aos educadores, mas a todos os cidadãos do planeta. Ela está ligada ao projeto utópico de mudança nas relações humanas, sociais e ambientais, promovendo a educação sustentável (ecoeducação) e ambiental com base no pensamento crítico e inovador, em seus modos formal, não formal e informal, tendo como propósito a formação de cidadãos com consciência local e planetária que valorizem a autodeterminação dos povos e a soberania das nações.

7. As exigências da sociedade planetária devem ser trabalhadas pedagogicamente a partir da vida cotidiana, da subjetividade, isto é, a partir das necessidades e interesses das pessoas. Educar para a cidadania planetária supõe o desenvolvimento de novas capacidades, tais como: sentir, intuir, vibrar emocionalmente; imaginar, inventar, criar e recriar; relacionar e inter-conectar-se, auto-organizar-se; informar-se, comunicar-se, expressar-se; localizar, processar e utilizar a imensa informação da aldeia global; buscar causas e prever consequências; criticar, avaliar, sistematizar e tomar decisões. Essas capacidades devem levar as pessoas a pensar e agir processualmente, em totalidade e transdisciplinarmente.

8. A ecopedagogia tem por finalidade reeducar o olhar das pessoas, isto é, desenvolver a atitude de observar e evitar a presença de agressões ao meio ambiente e aos vivos e o desperdício, a poluição sonora, visual, a poluição da água e do ar etc. para intervir no mundo no sentido de reeducar o habitante do planeta

e reverter a cultura do descartável. Experiências cotidianas aparentemente insignificantes, como uma corrente de ar, um sopro de respiração, a água da manhã na face, fundamentam as relações consigo mesmo e com o mundo. A tomada de consciência dessa realidade é profundamente formadora. O meio ambiente forma tanto quanto ele é formado ou deformado. Precisamos de uma ecoformação para recuperarmos a consciência dessas experiências cotidianas. Na ânsia de dominar o mundo, elas correm o risco de desaparecer do nosso campo de consciência, se a relação que nos liga a ele for apenas uma relação de uso.

9. Uma educação para a cidadania planetária tem por finalidade a construção de uma cultura da sustentabilidade, isto é, uma biocultura, uma cultura da vida, da convivência harmônica entre os seres humanos e entre estes e a natureza. A cultura da sustentabilidade deve nos levar a saber selecionar o que é realmente sustentável em nossas vidas, em contato com a vida dos outros. Só assim seremos cúmplices nos processos de promoção da vida e caminharemos com sentido. Caminhar com sentido significa dar sentido ao que fazemos, compartilhar sentidos, impregnar de sentido as práticas da vida cotidiana e compreender o sem sentido de muitas outras práticas que aberta ou solapadamente tratam de impor-se e sobrepor-se a nossas vidas cotidianamente.

10. A ecopedagogia propõe uma nova forma de governabilidade diante da ingovernabilidade do gigantismo dos sistemas de

ensino, propondo a descentralização e uma racionalidade baseadas na ação comunicativa, na gestão democrática, na autonomia, na participação, na ética e na diversidade cultural. Entendida dessa forma, a ecopedagogia se apresenta como uma nova pedagogia dos direitos que associa direitos humanos – econômicos, culturais, políticos e ambientais – e direitos planetários, impulsionando o resgate da cultura e da sabedoria popular. Ela desenvolve a capacidade de deslumbramento e de reverência diante da complexidade do mundo e a vinculação amorosa com a Terra.

SOBRE AS AUTORAS E AUTORES





Ivo Dickmann

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (Mestrado e Doutorado) da Unochapecó. Pós-doutor em Educação (Uninove). Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pós-graduado em Aprendizagem Ativa e Inovação Acadêmica (Unochapecó). Bacharel em Filosofia (IFIBE). Principal foco de atuação e pesquisa: Pensamento de Paulo Freire, Ecopedagogia, Formação Docente em Saúde. Líder grupo de pesquisa interinstitucional Palavração - Grupo de Pesquisa em Educação e Ecopedagogia, cadastrado no CNPq. Entre as principais obras publicadas estão artigos em revistas científicas e os livros: Primeiras Palavras em Paulo Freire (2008; 2016; 2019), Educação Ambiental na América Latina (2018), 365 dias com Paulo Freire (2019), Paulo Freire: método e didática (2020), Pedagogia do Ser Mais (2020), Educação Ambiental Freiriana (2021).

Cruz Prado

A professora Cruz Mary Prado Rojas, é natural da Costa Rica, na América Central. É graduada em Direito, com mestrado em Comunicação (1987) e doutorado em Educação com ênfase em mediação pedagógica (2006). De 2007 a 2021 trabalhou no Doutorado em Educação da Universidade La Salle (Costa Rica), onde foi coordenadora de 2010-2021. De 2019 a 2021 atuou como professora convidada na Universidad Católica de Manizales (Colômbia). De 2017 a 2022 foi coordenadora do doutorado em educação com ênfase em mediação pedagógica da UNIAv (Nicarágua), onde foi também diretora acadêmica de pós-graduação. Entre sua vasta produção acadêmica merece um registro especial o livro com Francisco Gutiérrez, *Ecopedagogia e cidadania planetária*, obra seminal da Ecopedagogia.

Jason Ferreira Mafra

Doutor (2007) e mestre (2001) em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Graduado e licenciado em História pela Unisal. Desenvolveu, no doutorado, estudo sobre o conceito de conectividade em Paulo Freire. Tem experiência docente nas redes pública e privada, da Educação Básica e Superior, lecionando, pesquisando e orientando temas relacionados à Metodologia da Pesquisa, teoria e práxis freiriana; etnorracialidade e educação. É docente do Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado)

em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNNOVE) e Diretor do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas educacionais (PROGEPE) na mesma universidade. Desenvolve e orienta pesquisas nas linhas Metodologia da Aprendizagem e Práticas de Ensino (LIMAPE); Educação Popular e Culturas (LIPECULT). É membro do Conselho Internacional de Assessores do Instituto Paulo Freire, onde coordenou, de 2000 a 2010, a Universitas Paulo Freire (UNIFREIRE). É um dos organizadores do livro *Pedagogia do oprimido: o manuscrito* (Liber Livro, Instituto Paulo Freire). Entre os projetos em que atuou como pesquisador, destacam-se: 1) Observatório da Educação (Obeduc): Universidade Popular no Brasil, financiado pela CAPES; 2) Programa Marco Interuniversitario Para la Equidad y la Cohesión Social de las Instituciones de Educación Superior en America Latina, Riaipe 3, no âmbito do Programa Alfa III, financiado pela Comissão Europeia para a cooperação exterior. É líder do Grupo de Pesquisa do CNPq "Ylê-Educare: educação e questões étnico-raciais".

Aloisio Ruscheinsky

Possui graduação em Ciências Sociais e em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1978), mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1989) e doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1996). Professor titular jubilado do PPG Ciências Sociais da Universi-

dade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Lider do Grupo de Pesquisa Sociedade e Ambiente: Atores, conflitos e políticas ambientais. Pesquisa na área de Sociologia, com ênfase em Meio Ambiente, políticas públicas, educação, desigualdades e conflitos socioambientais. Foi editor das revistas *Momento - Diálogos em educação* (1996-2002) e da *REME* (2000-2004).

Ana Maria de Oliveira Pereira

Possui graduação em Geografia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (1995), mestrado em Educação pela Universidade de Passo Fundo (2010) e doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, pela Universidade Feevale (2017), Pós-doutorado em Educação na Unochapecó (2022). Atualmente é professora Adjunta da Universidade Federal da Fronteira Sul, atuando nos cursos de Licenciatura em Geografia, Pedagogia e Mestrado em Educação. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino de Geografia; Formação de Professores; Informática na Educação; Metodologias de Ensino de Geografia; Ecopedagogia. Pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas Escola de Vigotsky - GEPEVI. Vice Líder do Grupo Palavração - Grupo de Pesquisa em Educação e Ecopedagogia. Líder do Grupo GEPEFORTE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Educacionais, Formação de Professores e Tecnologias Digitais na Educação.

Editora Livrologia
www.livrologia.com.br

Título

Ecopedagogia: origens, fundamentos, perspectivas

Organizadores

Ivo Dickmann

Assistente Editorial

Nicole Brutti

Bibliotecária

Karina Ramos

Arte da capa

Ivo Dickmann

Projeto Gráfico e Diagramação

Paula Editorações

Site: www.paulaeditoracoes.com

Instagram: [@paulaeditoracoes](https://www.instagram.com/paulaeditoracoes)

Tel: (21) 97565-1897

Formato

16 X 23 cm

Tipologia

Adobe Caslon Pro, entre 12 pontos

Papel

Capa: Suprema 280 g/m²

Miolo: Pólen Soft 80 g/m²

Número de Páginas: 166

Publicação: 2023

Queridos leitores e queridas leitoras:

Esperamos que esse livro tenha sido útil para você
e seu campo de leitura, interesse, estudo e pesquisa.

Se ficou alguma dúvida ou tem alguma sugestão para nós,
por favor, compartilhe conosco pelo e-mail:
livrologia@livrologia.com.br

PUBLIQUE CONOSCO VOCÊ TAMBÉM
ENCONTRE UM FRANQUEADO LIVROLOGIA
MAIS PERTO DE VOCÊ
www.livrologia.com.br

Trabalhos de Conclusão de Curso
Dissertações de Mestrado
Teses de Doutorado
Grupos de Estudo e Pesquisa
Coletâneas de Artigos

EDITORA LIVROLOGIA
Avenida Assis Brasil, nº 4550, sala 130, torre B,
Bairro São Sebastião, Porto Alegre-RS
livrologia@livrologia.com.br

Falar sobre Ecopedagogia é um desafio para nós que estamos retomando esse tema tão importante na produção sobre educação na América Latina, pois implica em produzir sobre algo que estava quase caindo no esquecimento. Falo isso, porque nos últimos vinte anos, pouco se produziu sobre Ecopedagogia, nossas pesquisas demonstram que foram um pouco mais de vinte artigos e capítulos de livro e menos de cem teses e dissertações. Comparado a outros temas correlatos como a Educação Ambiental, é muito pouco. Além do mais, o objetivo desse livro é ser uma contribuição para quem está começando, pois, as entrevistas têm caráter introdutório, é para os neófitos e neófitas, quem quer começar estudar a Ecopedagogia. (Ivo Dickmann, na Apresentação).

Cada vez mais necessitamos disseminar o conceito de Ecopedagogia como uma das propostas capazes de salvar a educação, a humanidade e o próprio Planeta, por sua reflexão crítica profunda a respeito dos modos de vida contemporâneos e por seus encaminhamentos menos preocupados com o desenvolvimento e mais voltados para a continuidade do processo civilizatório, em que, apesar dos desafios, o esforço é inteiramente dedicado à luta pela vida, pela liberdade e pela igualdade, em síntese, dedicado absolutamente aos processos de humanização, de modo a garantir a sobrevivência com qualidade para os atuais habitantes da Terra e para as futuras gerações. (José Eustáquio Romão, no Prefácio).

